

NATAL DE 1925



ALMA NOVA

REVISTA PORTUGUESA

EDITORIA: LIVRARIA J. RODRIGUES & C.º—186, R. AUREA, 188—LISBOA

• •

EM MARÇO • ILUSTRAÇÃO LATINA •

"ALMA NOVA"

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL,
LATINISMO E INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO

Redacção e Administração

186, RUA AUREA, 188
LISBOA

TELEFONES: N. 5296
C. 3936

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

Continente e Ilhas, Trimestre (3 n.º) 7\$50	Sem. (16 n.º) 15\$00	Ano (12 n.º) 36\$00
Espanha e Espanhas,	• 17\$00	33\$00
Brasil (eis. brasileiros)	• 6\$00	15\$00
Outros países	•	50 Frs.

Número avulso 2850

Representantes e Agentes

EM TODO O CONTINENTE,
ILHAS, COLÔNIAS E BRASIL
E PRINCIPAIS
CIDADES DE ESPANHA,
FRANCA, AMÉRICA
DO NORTE, ETC.

EXPEDIENTE

A «Alma Nova», concludendo com este número o seu 3.º volume da presente série, e completando assim todas as assinaturas tomadas para o corrente ano, confia no próximo o seu programa, amigos, colaboradores e assimilares, à nova publicação que em Março começará, sob o título de «Ilustração Latina».

Nela esperamos confirmar a mercê, com dupla razão, o apoio e a simpatia de todos aqueles que ali hoje nos temos tão desfrutado acompanhado.

Para ficar garantida a propriedade do título, suímos somenteiramente um número da «Alma Nova», de distribuição gratuita por todos os seus actuais assinantes que o continuarem na «Ilustração Latina», e por todos aqueles que fizerem a sua assinatura na referida «Ilustração» por intermédio da

EMPRESA COOPERATIVA -RESSURGIMENTO-, CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8. L.º - LISBOA

SUMÁRIO

III.ª SÉRIE - N.º 33 (35 E 36) - DEZEMBRO DE 1925

CAPA: Alegoria do Natal (desenho).	Roberto Nobre
OS NOSSOS GRANDES ESTABELECIMENTOS DE CREDITO: O Banco do Minho	Redacção
INICIATIVAS PORTUGUESAS NO BRASIL: A «Casa de Portugal», no Rio	
D. Pedro II, Imperador do Brasil (desenho)	A. Dias Branco
D. Pedro II.	Alcantara Carreira
CRONICA (com 1 ilustração de R. Nobre).	Mateus Moreno
O Chiado na véspera do Natal (com 1 ilustração de Martins Barata).	José Guerreiro Murti
O Trévo da Judeia (Lenda portuguesa), com retrato	D. Emilia de Sousa Costa
O Natal dramático (Versos), com 1 ilustração de R. Nobre	Alcantara Carreira
SALA DE VISITAS: Mme Bettencourt Rodrigues (Lisboa); Melle Maria Cremilda R. Guedes Correia (Olhão-Algarve).	
EM DEFESA DAS COLONIAS	Redacção
Timor, colónia de tradições e de riquezas (Conferência)	Major Leite de Magalhães
OS PORTUGUESES NO BRASIL: Ex-mo St. Garcia da Silva (Foto).	Redacção
GRANDES DE PORTUGAL: Gama Barros	Luis Saavedra Machado
CAMILO E A ARTE: A Bruxa do Monte Córdova (desenho) separata.	J. Saavedra Machado
A Lareira e o Natal (com retrato)	Ferreira de Castro
Para que sejais «Homens» (com a escultura «A História», de Teixeira Lopes)	A. Reis Machado
O Natal de Angels (com retrato)	Gervásio
PAGINA DO ALGARVE: Sagres, — altar da Pátria	Rui Chaves
Sagres, — o monumento ao Infante	Mateus Moreno
NOTAS DO MÊS: Saavedra Machado, Madrinhas, etc.	Redacção
A Engenharia nas Colónias (Conferência)	Visconde de Almeida Garrett
OS NOSSOS COLABORADORES: Dr. Fidelino de Figueiredo, Dr. Luis A. Guerreiro e Dr. Leite de Vasconcelos (com retratos)	Redacção
OS NOSSOS POETAS: No Escorial (soneto).	António Ferreira Monteiro
Notas substancialmente para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra	Capitão José Brandão
VIDA ARTÍSTICA: Exposições	J. Saavedra Machado
TEATRO: As primeiras representações e a crítica. Peças, etc.	M. M.
VIDA DESPORTIVA: As Corridas de Cavalos no Campo Grande	Monteiro da Costa
Vitória — Notícia — Publicidade, etc.	

Redacção

A. Dias Branco
Alcantara Carreira
Mateus Moreno
José Guerreiro Murti
D. Emilia de Sousa Costa
Alcantara Carreira

Redacção

Major Leite de Magalhães

Redacção

Luis Saavedra Machado

J. Saavedra Machado

Ferreira de Castro

A. Reis Machado

Gervásio

Rui Chaves

Mateus Moreno

Redacção

Visconde de Almeida Garrett

Redacção

António Ferreira Monteiro

Capitão José Brandão

J. Saavedra Machado

M. M.

Monteiro da Costa

"ILUSTRAÇÃO LATINA"

PUBLICAÇÃO MENSAL EM PORTUGUÉS, INGLÉS, FRANCÉS,
ITALIANO E ESPANHOL, SOB A ACTUAL DIRECCÃO LITERÁRIA,
ARTÍSTICA E ADMINISTRATIVA DA «ALMA NOVA».

Esta nossa intenção fazer sair em Janeiro próximo o primeiro número da «Ilustração Latina»; para isso estava pronto esse número e tudo quanto diz respeito à nossa organização em Lisboa. Contava-mos que o mesmo acontecesse nas províncias e colônias, assim como no estrangeiro; em grande parte, assim sucede, mas não no total, havendo até capitais estrangeiras que reclamam a visita dum dos nossos directores, por não ter sido possível, por correspondência, montar ali os nossos serviços como desejamos.

Mas porque se trata duma publicação de vastos e profundos intérinos de acção nacional e internacional, não será um adiamento de curto prazo no aparecimento da «Ilustração Latina», que prejudicará os seus fins; preferimos lançá-la com todos os elementos perfeitamente organizados no estrangeiro, nas nossas províncias e colônias, como o estão em Lisboa.

**POR ISSO E PARA ISSO, SAIRÁ EM MARÇO PRÓXIMO
O 1.º NUMERO DA «ILUSTRAÇÃO LATINA».**

Esperamos também que nessa data já a Nação esteja completamente livre e limpa da onda de lama que ultimamente tentou conspurcar-a e da onda de banditismo que paralelamente a tentou apunhalar.

Será então bem a hora de patentear os nossos valores e possibilidades, que os temos e admiráveis!

OBRAS DE JULIO DINIZ

Julio Diniz, pseudônimo do doutor Joaquim Guilherme Gomes Coelho, se não foi um escritor genial, foi inequivocavelmente o que melhor soube encantar a alma portuguesa, pela naturalidade com que escrevia.

E' ver a simplicidade dos seus personagens e o encanto com que retratava as nossas cenas da Província.

A mais de meio século do seu falecimento, as suas obras são ainda hoje as *mais lidas* em todo o Portugal. Nenhum autor da sua geração ou da actualidade tem conseguido

DECLARAÇÃO

Tendo-se propalado que a livraria J. Rodrigues & C.^o actualmente editora da «Alma Nova» para a sombra disso, importar papel para as outras obras que edita, declaramos que esta publicação e a «Illustração Latina» serão sempre impressas em papel nacional, expressamente fabricado para elas pela Fábrica da Abelheira.

O Director-Gerente
JOSE AFRA

obter o número de edições que as obras de Julio Diniz têm alcançado. E' que tem a recomendá-las a moralidade mais impecável e sugestiva.

As graciosas páginas de *As Pupilas do Sr. Reitor*, a encantadora *Morgadinha dos Canaviais*!

São numerosas as edições que se tem feito das obras do encantador romancista Julio Diniz; os seus volumes constituem o mais delicado brinde que se pode oferecer a uma criança, a uma senhora, a um velho. O seu condão é encantar igualmente a todos.

OBRAS DE JULIO DINIZ

VOLUMES BROCHADOS

As Pupilas do Sr. Reitor — Uma Família Ingleza — Os Serões da Província — Poesias	7\$00
Cada volume brochado	
Os Fidalgos da Casa Mourisca — A Morgadinha dos Canaviaes — Inéditos e Esparsos	8\$00
Cada volume brochado	

VOLUMES ENCADERNADOS

As Pupilas do Sr. Reitor — Uma Família Ingleza — Os Serões da Província — Poesias	
Cada volume encadernado em percalina	11\$00
Encadernação d'amador, cantos e lombada em marroquim, dourados à cabeça, cada volume	15\$00
Encadernados a marroquim e ouro, dourados à cabeça	17\$00
Os Fidalgos da Casa Mourisca — A Morgadinha dos Canaviaes — Inéditos e Esparsos	
Cada volume encadernado em percalina	12\$00
• • encadernação d'amador	16\$00
• • a marroquim e ouro	18\$00

LINDAS COLEÇÕES PRÓPRIAS PARA BRINDES

LIVRARIA J. RODRIGUES & C.^o

186 — RUA DO OURO — 188

LISBOA

ALMA NOVA

OS NOSSOS GRANDES ESTABELECIMENTOS DE CREDITO

O BANCO DO MINHO



O edifício da sede do Banco do Minho, em Braga

ESTE importante estabelecimento bancário, fundado em 1864, em Braga, onde tem a sua sede, honra não sómente a antiga e laboriosa terra que lhe foi berço e a linda, ridente província de que tomou o nome, mas todo o Portugal, onde, assim como no estrangeiro, tem os seus créditos largamente firmados, mercê da austera e honrada administração que lhe teem imprimido as sucessivas direcções, formadas por alguns dos nossos mais considerados homens de finanças.

O edifício da sua sede, em Braga, é um dos que mais embelezam a bela capital do Minho; o de Lisboa, há pouco concluído, é um esplêndido prédio, modernizando a pomposa Rua do Ouro;



O edifício da filial do Banco do Minho, em Lisboa

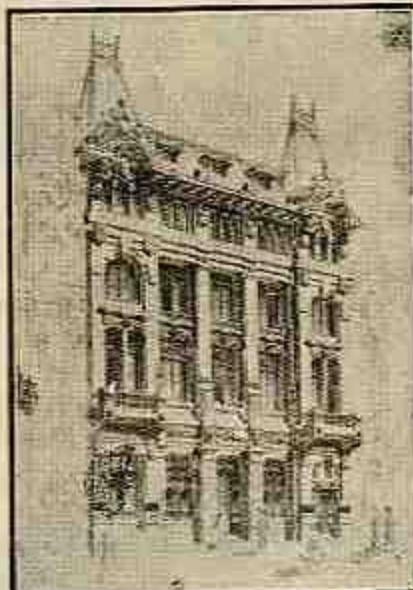
o do Porto está bem a par do de Lisboa e de Braga; e em Guimarães está o Banco do Minho construindo outro para a sua filial naquela cidade, onde a nossa nacionalidade se fundou, edifício que ficará à altura dos restantes que este Banco possue. Só o valor destes representa o capital suficiente para o funcionamento dum grande casa bancária.

O capital do Banco do Minho é de dez mil contos, e as suas reservas superiores a onze mil, dedicando-se a operações bancárias de todo o gênero, cambiais e de ordens de bolsa, possuindo na sede e nas filiais óptimas instalações de cofres fortes para alugar.

É seu agente geral no Brasil a Sociedade Bancária do Minho,

Rua da Quitanda, 117, e seus correspondentes em S. Paulo, os nossos presos amigos Srs. Garcia da Silva & C^o, proprietários da «Loja do Japão», à Rua de S. Bento, tendo naquele grande país montado um serviço especial de cobrança de juros e dividendos, administração de propriedades, liquidação de heranças, etc.

0 0 0
0
0



A filial do Banco do Minho, no Porto

0 0 0
0
0

Assim instalado e organizado, o Banco do Minho, com 61 anos de existência, é um dos nossos mais sólidos estabelecimentos de crédito; por isso temos o maior prazer em lhe prestar esta nossa homenagem e publicar as fotografias da sua sede e das suas filiais em Lisboa e Porto.

0 0 0

INICIATIVAS PORTUGUESAS NO BRASIL

A "CASA DE PORTUGAL" NO RIO DE JANEIRO

Acabam de chegar-nos as listas que foram espalhadas no Brasil, perta a inscrição de sócios dos Centros Regionais das nossas províncias e ilhas, e de cuja congregação resultará a Casa de Portugal, instituição que tem como aspiração máxima, reunir todos os portugueses ali residentes, sem distinção do credo político ou crença religiosa.

Os fins da Casa de Portugal são:

1.^a—Estreitar os laços de solidariedade existentes entre todos os portugueses residentes no Brasil, incitando-os a uma sincera e fraternal amizade e à prática do amor que devem dedicar à terra em que nasceram.

2.^a—Diffundir o conhecimento histórico e geográfico de Portugal, exaltando as suas grandezas em todos os ramos de actividade humana, por meio de palestras, conferências, publicações e outros meios, pelos quais possam conhecer bem o valor da raça a que pertencem e amá-la cada vez mais.

3.^a—Estabelecer relações directas com as autoridades portuguêses, para que entre elas e a Casa de Portugal possa haver entendimento em todos os casos de interesse comum.

4.^a—Comemorar as nossas datas históricas, de maneira a incentivar todos os portugueses o amor à sua Pátria, e espalhar por toda a parte o nome e a glória de Portugal, afirmando a sua utilidade presente, como garantia da sua força e glórias futuras.

5.^a—Conseguir a união da colônia, procurando acolher sob o mesmo tecto todos os portugueses no Brasil, para que, tendo uma só direcção, obedecam a uma só vontade na defesa dos seus interesses e do bom nome português.

6.^a—Auxiliar todos os portugueses em suas colocações, guiando-os de acordo com os seus conhecimentos e capacidade de trabalho.

7.^a—Fazer propaganda de Portugal, das suas belezas e dos seus produtos agrícolas e industriais, mantendo na agremiação de cada província uma exposição permanente desses produtos e dessas belezas, com estatísticas preciosas da sua produção e capacidade produtora, promovendo a sua máxima expansão comercial.

8.^a—Conseguir que a agremiação de cada província cuide das necessidades das sua região e dos seus compatriotas aqui e lá, auxiliando assim a nossa Pátria e todos os portugueses.

9.^a—Construir no Brasil uma sociedade em que se centralizem todos os portugueses, tendo um hospital, uma escola e uma biblioteca, e bem assim, a assistência moral necessária ao seu desenvolvimento.

Presentemente, já se encontram fundados, no Rio de Janeiro, todos os Centros Regionais Portugueses, o primeiro dos quais foi o trasmontano, em 28 de Julho de 1923, e há pouco ainda, o Madeirense.

Projecto apresentado ao Conselho Municipal do Rio de Janeiro, pela Comissão Iniciadora da Casa de Portugal.

Considerando que os centros Regionais Portugueses, fundados e solidarizados para instituir, nesta cidade, a Casa de Portugal, são, por seu programa e actividade, associações destinadas a cooperar, directa e eficazmente, no problema da colonização sistemática do interior brasileiro, para ali orientando, de acordo com os poderes públicos nacionais, a corrente imigratória de Portugal;

Considerando que os mesmos Centros estabelecem a instalação, à sua custa, de escolas primárias e cursos técnicos, destinados a associados seus filhos ou filhos destes, na maioria brasileiros;

Considerando, que os referidos Centros se inserem na organização de bibliotecas, difusão da cultura luso-brasileira e adaptação útil do elemento português ao ambiente nacional;

Considerando, que é ainda do seu programa a preparação moral e cívica de seus associados às necessidades reciprocas das Pátrias portuguesa e brasileira;

Considerando, também, que esteja nos seus estatutos a propaganda do intercâmbio económico luso-brasileiro, com efectivas e cabais vantagens para a economia dos dois povos;

e considerando, finalmente, que a Casa de Portugal, objectivo primacial de sua existência e cristalização perfeita de todos aqueles ideais, nascerá sob os auspícios da maior fraternidade entre a Mãe-Pátria e o Brasil ..

O Conselho Municipal resolve:

Art. 1.^a—Fica concedido aos Centros Regionais Portugueses o uso e gozo do terreno da Avenida das Nações, em que está construído o Pavilhão das Indústrias Portuguesas e pelo Governo de Portugal edificado no recinto da Exposição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, para que si fundem e mantenham, de acordo com os interesses reciprocos do Brasil e Portugal visados por essa instituição, a projectada Casa de Portugal;

Art. 2.^a—O terreno mencionado no artigo 1.^a da presente lei, reverterá ao património municipal, com as construções nele feitas, sem nenhuma indemnização por parte da Municipalidade e livre de quaisquer onus, não só no caso de dissolução ou extinção da Casa de Portugal, mas também no da mudança da sua sede do edifício actualmente construído no dito terreno, ou no de ser dado a esse edifício ou parte dele a fim diverso no estabelecido no artigo 1.^a desta mesma lei; devendo constar na respectiva escritura de cessão as condições estabelecidas no presente artigo.

Art. 3.^a—A transferência do edifício de que trata esta lei para os Centros Regionais Portugueses, ou Casa de Portugal, fica dispensada do pagamento dos respectivos impostos, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 22 de Outubro de 1925.—Francisco Laginha—Edgar Teixeira Vieira de Moura—Henrique Guimarães—Mário Piragibe—Felisidoro Gama—Vítor Bastos—Alves de Carvalho—Henrique Lagden—Jerônimo Bereta—Baptista Pereira—Dário Prado—Artur Menezes—Mário Júlio—Cândido Pessoa.

“ILUSTRAÇÃO LATINA”

PROGRAMA

The *Latin Illustration* will be published next March. Its program is as follows:

Portugal: Struggle for national progress by means of the propaganda of our colonial and continental values and possible values.

Brazil: Propaganda of the values and possible values of this nation; intellectual intercourse between Portugal and Brazil.

Europe: Propaganda of the values and possible values of the nations of latin origin, chiefly the nations of migratory current to South and North America; propaganda of those nations and of the British nation, allied to Portugal, and allied to the most part of those nations.

America: Propaganda of the values and possible values of the nations of South America, propaganda of the United States.

The *Latin Illustration* will consecrate to the execution of this program many special pages written in the languages of those nations, and it will attempt to bring out those values and possible values by developing the matters connected with the national progress and with the intellectual intercourse between Portugal and Brazil.

The *Latin Illustration* will maintain the most cordial intercourse with other nations, because its scope is to form an alliance between the latin nations and the peoples allied to them, for the propaganda of civilisation, and not for an attempt of absorption. The latin race is never more the conquering race, it is civiliser one.

Programma

La *Ilustración Latina*, cuya publicación empezará en el próximo mes de Marzo, tendrá el programa siguiente:

Acerca de Portugal: Resurgimiento de la nación por el medio de la propaganda de nuestros valores y posibilidades continentales, insulares y ultramarinos.

Acerca del Brasil: Propaganda de los valores y posibilidades de aquello país y intercambio mental, el más apretado posible con el nuestro.

Acerca de la Europa: Propaganda de los valores y posibilidades de las naciones de origen latina, con especialidad las de la corriente de emigración hacia la América del Sud y América del Norte, y de la Inglaterra, aliada nuestra y de grande parte de aquellas naciones.

Acerca de la América: Propaganda de los valores y posibilidades de las naciones de origen latina de esta quinta parte del mundo, y de la América del Norte, suya natural aliada.

Para la obtención de este plan, la *Ilustración Latina* dedicará páginas especiales en los respectivos idiomas a cada nación, y en las cuales hará esfuerzos para poner en destaque los citados valores y posibilidades, dando el mayor y posible desarrollo a todos los asuntos los cuales tengan relación con el Resurgimiento Nacional y el intercambio Luso-Brasileño.

Con las naciones restantes, la *Ilustración Latina* hará mantener las relaciones más cordiales en atención a su propósito, que es el de formar un bloco de latinidad y sus aliados para las conquistas de la Civilización, y jamás con alguno pensamiento de absorción, pues que la raza latina hace mucho tiempo ha dejado de ser la Conquistadora para ser, con especialidad, la Civilizadora.

Programme

L'Illustration Latina commencera sa publication Mars prochain, et aura le programme suivant:

Sur Portugal: Renaissance Nationale: propagande de nos valeurs et possibilités continentales, insulaires et d'outre-mer.

Sur le Brésil: Propagande de ses valeurs et possibilités, et échange intellectuel le plus étroit avec lui.

Sur l'Europe: Propagande des valeurs et possibilités des nations d'origine latine, surtout de celles qui ont des courants émigratoires pour l'Amérique du Nord et l'Amérique du Sud, et de l'Angleterre notre allié et allié de la plus part des dites nations.

Sur l'Amérique: Propagande des valeurs et possibilités des nations d'origine latine, et de l'Amérique du Nord, allié naturel de ces nations.

L'Illustration Latina publiera pour la réalisation de ce projet si grand, dans des pages spéciales dans les langues de toutes ces nations, dans lesquelles elle cherchera à mettre en lumière les dites valeurs et possibilités de chaque une et à développer tous les sujets ayant rapport avec la Renaissance Nationale et le change intellectuel entre le Brésil et le Portugal.

L'Illustration Latina aura tous les égards devant les autres nations, tâchant de maintenir avec elles les plus cordiales relations, puisque son but est de former un bloc de la Latinité et ses alliés, pour les conquêtes de la civilisation universelle, sans arrière pensée de absorption, car la race latine il y a longtemps qu'elle n'est plus la Conquérante mais la Civilisatrice.

Programma

L'Illustrazione Latina, che inizierà la sue pubblicazioni nel prossimo mese di Marzo, svolgerà il seguente programma:

Riguardo al Portogallo: Risorgimento Nazionale, con una vasta propaganda dei nostri valori e possibilità continentali, insulari e ultramarine.

Riguardo al Brasile: Propaganda dei valori e possibilità del Paese e intercambio mentale, il più unito, con il nostro Paese.

Riguardo all'Europa: Propaganda dei valori e possibilità delle nazioni di origine Latina, specialmente quelle che hanno una corrente emigratoria per l'America del Sud e per l'America del Nord e così pure delle nostre alleate, l'Inghilterra legata a la più grande parte dei paesi latini.

Riguardo all'America: Propaganda dei valori e possibilità delle nazioni di origine latina, di questa quinta parte del Mondo; e dell'America del Nord sua naturale alleata.

Onde realizzare questo grande progetto, *L'Illustrazione Latina*, intraprende pubblicazioni in pagine speciali, articoli scritti nel rispettivo idioma delle suaccennate nazioni, alle quali procurerà di dare maggior impulso ai riferiti valori e possibilità, avendo cura di dare la più grande espansione a tutto ciò che si relaziona con il Risorgimento Nazionale ed all'Intercambio Portoghese-Brasileño.

L'Illustrazione Latina manterrà inoltre con altre Nazioni, le relazioni più cordiali, essendo il suo scopo, di formare una unione della Latinità e sue alleate per le conquiste della civiltà, e senza nessuno segno d'ostilità verso le altre nazioni, perché la razza Latina lasciò da molto tempo di essere conquistatrice per passare ad essere civilizzatrice.

Director Literário:
Alcântara Carraria
Director Artístico:
Saavedra Machado

ALMA
NOVA
REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

Director Literário
Máximo Marques
Director Gerente
José Alves

Secretários { M. Gomes dos Santos
Rebelo de Reitencourt

LISBOA — DEZEMBRO DE 1925

Editora | Livraria J. Rodrigues & Cia.
186 — Rua Ameixoeira — 188



D. PEDRO II
IMPERADOR DO BRASIL

O Brasil acaba de celebrar o centenário do nascimento do seu último Imperador, num preito de justiça, de admiração e gratidão pelo que é hoje universalmente considerado o Primeiro dos Brasileiros

(Ver artigo na verso)

D. PEDRO III

IMPERADOR!

Ninguém o foi menos e ninguém o foi mais!

Ninguém foi menos imperador que o bondoso D. Pedro II, durante tão largos anos chefe dum grande país em formação!

Império! Imperador! A estes termos liga-se naturalmente uma ideia de governo autocrata; e ninguém foi mais democrata, na sua maneira de governar o grande Brasil, que esse Imperador — cidadão que se chamou D. Pedro d'Alcantara.

Mas se com a palavra Imperador pretendemos designar uma individualidade que pelas suas virtudes, pela grandeza do seu carácter, pela beleza do seu coração, pela pureza das suas intenções, pelos extremos do seu patriotismo, — ninguém foi mais Imperador que D. Pedro II!

A monarquia no Brasil, sob a forma de império, nessa vastíssima e exuberante quinta parte do globo terrestre, era aos olhos do Mundo e de grande parte dos próprios brasileiros, um anacronismo impossível de permanecer em meio das restantes nações que compõem a América do Norte e a América do Sul, já todas então sob o regimen de repúblicas presidencialistas.

E apesar dum longo reinado em que o amor por a sua Pátria, a sua honestidade pessoal e governativa, a cultura do seu espírito, todas as altas virtudes que ornaram D. Pedro d'Alcantara, o terem imposto ao respeito universal; apesar de, jogando a sua coroa d'imperador, ter dado ao Brasil, (fazendo-o, para mais, decretar pela herdeira do trono, para que esta colhesse os fructos simpáticos) — a emancipação dos escravos, a ânsia de progresso e civilização, latejante nas almas sedentas de liberdade, levou esse grande país — pela voz ardente dos seus tribunos, pelas espadas dos seus generais, — a deporem o grande Imperador-cidadão, a baní-lo, e á sua família, do solo nacional!

Foi, então que D. Pedro II, tão pouco imperador pela democracia do seu humanitário e patriótico pensar e agir, pela própria simplicidade do seu viver, onde as ostentações reais eram reduzidas ao mínimo, tudo sendo dum cidadão, e nada sendo dum autocrata, passou a ser um Imperador, na mais lídima acepção de nobreza, e um patriota, na máxima e mais pura das expressões.

Exilado, banido, recusou em absoluto a pensão de cinco mil contos anuais que a República Brasileira votaria para lhe serem entregues.

Banido, exilado, impôz aos seus partidários que acatassem a forma de governo que o Brasil acabava de escolher e implantar.

E exilado e banido, e paupértil, e decrepito, recolheu-se a Portugal, escolheu uns modestos aposentos no Grande Hotel do Porto, onde com a santa e doce velhinha, sua amada companheira de tão longos anos de variada fortuna, a Imperatriz do Brasil — que o Brasil chorou, até se definhar, se desfazer em lágrimas — aguardou com estoica serenidade a morte redentora!

Na sua frente o cálix da amargura parecia inexgotável, apesar dos grandes goles que obrigadamente dele tomava todos os dias, com sobrehumana coragem!

Mas se o velho roble de tão profundas, embora vestudas raízes, cristamente resistia, a mimosa planta de ternura e de paixão que ao seu tronco enlaçara, definhava dia a dia, até que de saudade se finou!

Então o grande Imperador, agora Imperador-cidadão-e-Mártir, sentiu que não havia estoicismo possível, na infinita desolação da sua dor; e cedendo aos rogos

dos poucos, dedicados servidores e amigos que o cercavam, abalou dos aposentos modestos do modesto hotel, viúvos como ele da santa e doce Imperatriz.

O cálix da amargura continuava inesvasiável.

E foi na França, mais longe ainda do Brasil, longe de Portugal, sua segunda Pátria, que ele amava também tanto que os «Lusiadas» foram seu companheiro até ao último minuto, no próprio exemplar que pertencia a Camões; e foi em Paris, noutro hotel, que D. Pedro d'Alcantara tragou as últimas gôtas de fel do imensíssimo cálix, ao despedir-se da vida, exilado, banido, nem sequer tendo um recanto de paisagem do Brasil ou de Portugal, para fitar ao morrer.

Apenas, porque, previdentemente mandara vir de Petropolis — a linda cidade serrana dos arredores do Rio — uma porção de terra, pôde, fazendo encher com ela um travesseiro e neste recostando a fronte, ao sentir que a morte vinha, ter a ilusão que exprimava na terra amada do Brasil.

Os seus restos mortais e os da santa companheira, vieram para o Panteon Real de S. Vicente e passaram a ser alvo de constantes romarias de piedade e de respeito.

Entretanto o Brasil, sacudido de Norte a Sul pelo embate da nova forma de governo, contra os perecíveis alicerces da antiga, firmando a sua nova constituição, enveredava pelos progressos e civilização sonhados e pregados pelos seus revolucionários tribunos da propaganda republicana.

Logo, porém, que os problemas que a República Brasileira encontrou diante de si, foram tendo solução, e o regimen se consolidou, a consciência nacional despertou para a apoteose à memória do cidadão-imperador que se finara no exílio e que passou a ser proclamado pelos próprios republicanos o maior dos brasileiros!

Dai o ter mandado buscar há anos por um navio de guerra, os restos mortais do imperador e da imperatriz, para os guardar com amor, com respeito e, quiçá, com remorso, no sólo nacional.

E dai o ter resolvido prestar-lhes as maiores homenagens, a 2 do corrente, data do centenário do nascimento desse grande brasileiro — imperador e cidadão — levando os extremos do seu culto a convidar os herdeiros directos do D. Pedro d'Alcantara a assistirem a essas homenagens.

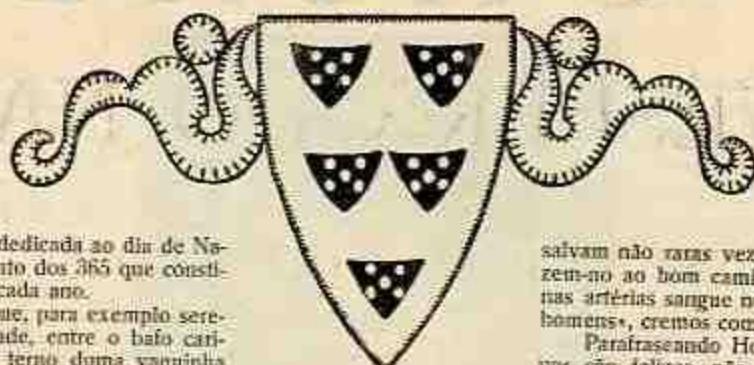
Se o Brasil precisasse de se redimir de não ter sofrido a sua ânsia de implantação da república, por curtos anos, aguardando que serenamente e na sua Pátria, se finasse D. Pedro II, — este gesto nobilíssimo de respeito, de gratidão, de devida justiça — reabilitá-lo-ia.

Mas esta resolução da República Brasileira, de homenagear, no dia em que passou o centenário do seu nascimento, o grande Imperador, não representa sólamente que ela interpreta inteiramente o sentir da consciência nacional brasileira, representa também que nesse belo país os governos republicanos, em lances como estes, consubstanciam a opinião nacional e nenhum receio tem, antes o mais sincero e afincado desejo, de pôr no mais alto relevo a figura imortal do Imperador.

A esse sentir tão dignificante da Nação Brasileira e dos seus altos poderes republicanos, profundamente, sentidissimamente, nos associamos, com o mais alto respeito, dobrando o joelho diante da augusta memória do grande Imperador-cidadão D. Pedro II e dessa excelsa figura de dedicação e de bondade — a Imperatriz — que no exílio se finou desfeita em lágrimas e resendo:

«Meu lindíssimo Brasil, que te não vejo mais!»

CRÓNICA



ACRÓNICA de hoje é dedicada ao dia de Natal — o dia mais santo dos 365 que constituem normalmente cada ano.

Foi neste dia que, para exemplo serenissimo de humildade, entre o bafo cianoso da jumenta e o olhar ternio dum vaquinha bíblica, os livros sagrados dizem haver nascido o Redentor, num mistério estalagem de Belém, da Judeia.

Reza, a tal propósito, o «*Santo Evangelho de Jesus Cristo. Segundo São Lucas*», (Parte I, página 47):

«E subiu também José desde a Galileia, da cidade de Nazaret, à Judeia, a cidade de David, que se chamava Belém, porque era da casa e família de David, para se alistar com sua esposa Maria (em obediência ao edicto de Cesar Augusto, que ordena o alistamento geral do mundo romano), que estava grávida.

Acordeou, porém, que estando ali, se completaram os dias em que devia dar à luz o seu filho primogénito e o envolveu em pañhos e o reclinou em uma manjedoura, porque não havia lugar para ele na estalagem.»

Foi isto há aproximadamente dois mil anos, e em vão a cinza dos séculos procuraria apagar da alma dos povos a sua cristianíssima recordação.

De todas as grandes festas tradicionais da humanidade, a do Natal mantém-se, assim, a mais significativa e enternecedora. E a sua interpretação generalizou-se à família, humanizou-se, tornou-se o símbolo do Lar, comemorando-a hoje todos os povos do cristianismo, quasi com os mesmos ritos e as mesmas invocações. «Nos actos puramente religiosos, infar de uns e infar de todos, escreveu algures, nestas mesmas páginas, o distinto etnógrafo sr Luis Chaves, «Por exemplo, justifica o presépio é comum à Itália, — de onde parece provir, com as suas exposições de luxuosas vestimentas, — à Brégica dos jardins elos, — à Espanha, afim na raça e nas origens artísticas da nossa gente».

Actualmente, por toda a parte, o motivo essencial da festa, é a glorificação da Família, é a apoteose do Lar.

Crianças e velhos, parentes e amigos, toda a família, enfim, se reúne neste dia. Até mesmo aqueles que estão longe, os próprios mortos e os deserdados da sorte, não faltam à mesma mesa, na noite sagrada, — porque há sempre para eles uma lembrança íntima, uma palavra terna de saudade, o eco sublime duma recordação, a saudade dum afago.

Nesta hora de inquietações e incertezas, que paira sobre a Família Lusitana, nós precisamos, mais que nenhum outro país, festear o Dia de Natal.

E indispensável que, na lareira da Pátria, todos os filhos desavindos se reúnam pressurosos ante a mesma fogacina de patriotismo, a fazer penitência de seus erros. Só um extraordinária alienação patriótica e só um grande e indecível amor de todos, pelo que constitue o nosso património de séculos, podem ainda furtar-nos aos fortes dissabores e negras vergonhas que nos expectam.

Sejam o santo e a saudade dos verdadeiros portugueses, estas duas simples palavras: Fé e Amor.

«Um grande paixão, um grande amor, escreveu há 27 anos Venceslau de Moraes —

salvam não raras vezes os homens dos abismos, trazem-no ao bom caminho, regeneram-no, inoculam-lhe nas artérias sangue nobre; e «As nações são como os homens», cremos com o mesmo.

Parafraseando Homero, podemos dizer que os povos são felizes, não apenas quando um único chefe os rege, mas quando um único pensamento os aproxima.

Na lareira da «Alma Nova» arde hoje também um mês de cerca de 11 anos. Aqui somos todos em sua volta. E a sua claridade que vamos desfilar algumas recordações desta derrota já longa. O primeiro número apareceu em Faro, em fins de 1914. Era então uma pequena filha de 8 páginas, de aspecto modesto e carácter ineradicavelmente regionalista. Ao sair o segundo número, o seu fundador veio matricular-se na Universidade de Lisboa, e a «Alma Nova» acompanhou-o, mantendo o mesmo programa até à realização do 1º Congresso Regional Algarvio, em Setembro de 1915, que ajudou a organizar e promover, fechando a 1.ª série com um número dedicado ao referido Congresso.

A 2.ª série, já muito melhorada, inicia-se então, com novos e valiosos elementos e sob um programa mais desenvolvido, dela se publicando 2 volumes, até à data da abalada das primeiras tropas portuguesas para a Grande Guerra, na qual também seguirão, como oficiais de artilharia.

A 3.ª série, — que hoje dá por finda a sua missão, passando o seu programa, na integra, para a «Ilustração Latina». — Foi iniciada em 1919, com o regresso das últimas tropas da guerra, completando o presente número o vol. III e último.

Na 2.ª fase, é justo salientar, merecendo destaque os esforços de alguns dos seus redactores, que hoje são nomes feitos, no fôro e nas artes, a «Alma Nova» afirmou-se como uma bela revista de novos. No seu desejo de expansão, começou a estender-se também ao Brasil, onde teve colaboradores distinguidos, nas letras e nas artes, como Ronald de Carvalho e Navarro da Costa, entre outros. Era já então uma revista com 20 páginas de texto e várias separatas, tendo neste fase prestado os seguintes serviços:

a) Apoio à campanha a favor dos netos esquecidos de Camilo; b) Publicação dumha série de brilhantes artigos sobre a vida íntima de Eça de Queiroz (hoje em volume), que grande parte da melhor e mais divulgada imprensa do país reproduziu; c) Realização de 2 exposições de Arte, uma das quais muito apreciada; d) Publicação dumha série de estudos sobre pintores e artistas vivos, sua orientação dominante, sua evolução e sua obra.

Da nova publicação, que no ano próximo vamos iniciar, com Alcântara Carreira, Saavedra Machado, o sr. José Alba, e todos os que nos treinaram acompanhando até aqui na «Alma Nova», já o primeiro daqueles aficionados camaradas disse o necessário no número passado.

Para a «Ilustração Latina», que assim se chamará a referida publicação, propusemo-nos entrar com todo o nosso programa e todas as velhas amizades da «Alma Nova».

Resta que todos não só nos aplaudam, mas ainda acompanhem, para que daqui a um ano, se não podermos ser o dôbro, o triplo ou o quadruplo, como o confiadamente esperamos, sejamos pelo menos os mesmos, à nossa nova e maior lareira.



OS DIRETORES DA «ALMA NOVA»
ORGANIZANDO O PRESENTE NÚMERO

O CHIADO NA VÉSPERA DO NATAL

por

JOSÉ GUERREIRO MURTA

TARDE frívola. A faixa do céu que se descontina está manchada de nuvens acinzentadas. No ar paira um fluido de júbilo que misticamente invade todos os corações. O riso formoso das damas e a carinha mimosa das crianças parecem respirar felicidade. Os inúmeros automóveis parados diante das lojas, a azáfama dos transeuntes e a tranquilidade dos cavalheiros que estacionam a ver as mulheres que passam, dificultam muito o trânsito. As mamãs e as *títis* saíram com os seus *apêndices* — homenzinhos em flor que transformam com o seu chilrear alegre este pessado inverno numa risomba primavera. Alguns são querubins que apetece beijar e colocar em seguida no presépio no lado do Menino Jesus. Eles, de olhos muito abertos, agarram-se aos ferros das montras para contemplar num sonho das Mil e uma noites os brinquedos feticicíos que os transportaram a um mundo novo se o Menino Jesus os oferecesse para a sua árvore do Natal.

Mamã, perguntava um Bébé dum palmo de altura, o Menino Jesus é que faz estes brinquedos tão lindinhos?

— É sim, filha; respondeu a mãe num tom carinhoso.
— E onde é que ele faz tudo isto? insistiu o menininho.
— Na cén, acentou a mãe. E no céu!!
— Lá onde está a mama Lili?
— Sim, meu amorzinho.

— Então, porque é que tu choraste tanto por ela? Não vés que ela está melhor do que eu! Tem tantos brinquedos! tantos!...

A mãe esboçou um sorriso triste, e impelida pela lembrança de sua filhinha morta e pelo desejo de seu filhinho, (talvez o único!) entrou na loja para comprar um brinquedo.

E eu pensei:

Há alguma coisa de divino num coração de mãe. Nossa Senhor não teve um irmão, uma irmã ou uma esposa, mas quis ter uma mãe!

Outra criança encanta o homem — a mulher. Como a criança, a mulher já feita ostenta nesta tarde uma auréola de candura e de pureza. E que foi neste dia que Deus a quis fazer anjo, levantando-lhe um altar. Os homens que todas as tardes costumam passar pelo Chiado não a envolvem agora nos seus olhares concupiscentes; olham-na como se fosse violeta casta que não se deve profanar.

Metidas nos seus casacos de corte elegante, nos seus abafos opulentos, nas suas peles curas, as mulheres neste dia sentem prazer em abrir as suas malinhas e dar esmolas aos pobres esfarrapados que exalam as ruas mais movimentadas da capital, pondo num quadro animado e de cores berrantes uma móda bem escusa. E todas, ricas e pobres, dão a sua esmolinha, contrariamente ao que fazem os homens. E que o homem só dá se tem muito e a mulher ainda que não tenha assim.

Mas os pedintes nem sempre ficam agra-

decidos. Alguns, diante dos abafos e das joias parecem dizer em silêncio, num raciocínio cheio de ilusões:

— Enquanto existir fome nos lares, o luxo é um crime contra a sociedade.

•O luxo só seria desculpável quando ninguém conhecesse o frio nem sofresse a fome.

•Com o que os ricos vestem a mais, haveria com que vestir todos os indigentes.

Mas a sociedade foi sempre assim e não há génio que a molde noutras formas mais humanas.

As vítimas da desgraça que vêem nas vestes o sinal do bem estar, não acertam sempre. O luxo não gera a felicidade. Nas capitais, sentenciou alguém, a miséria oculta-se às vezes debaixo do luxo, como os vermes debaixo das asas aveludadas das borboletas. E não é para admirar. As mulheres das grandes cidades assemelham-se aquelas plantas viríndentes dos pomares, que têm sempre perdo de si os sapos repugnantes. A mulher deve ser sentinelas de si mesmo, li eu algures. Ela está cercada de inimigos; tem-nos em sua cabeça, em seu coração, em toda a sua pessoa e em grande parte nas pessoas que a rodeiam. Se é bela, está dia a dia exposta aos leões injuriosos dos homens; se é feia sofre — a fealdade é uma dor que a mulher conserva toda a vida.

Dizia Napoleão que de todas as obras que Deus fez, o homem é a prosa e a mulher a poesia. Ora, nem todos os homens possuem uma alma delicada para compreender essa poesia. Mas os *D. Juans* do Chiado, na véspera do Natal mostram-se dispostos a prestar culto românticamente aqueles poemas encadernados de seda. As damas ainda garotas, é que não pouparam os seus olhares atrevidos. Não sabem elas ainda que as mulheres que gracejam com amor são como os meninos que brincam com facas afiadas ficam sempre feridas.

Algumas mamãs, sem medo de conquistar o título de sogra, parecem auxiliar excepcionalmente as filhas no desempenho dessa sua comédia — o namídio.

Estas mamãs conhecem certamente este pensamento:

•Aquela que acaba um bom genro, ganha um filho, e a que tem a desgraça de achar um marido, perde uma filha.

As sombras da noite já caíram sobre a cidade. Todos, com os seus numerosos embalinhos, se dirigem a suas casas, onde o espírito vai ver profundamente. Absentes e mortos queridos vieram assistir também à festa do Natal.

Mas já os sinos convidam para a missa do galo.

Que recordações não trazem naqueles toques!

Que mundo de visões e de saudades não evocam elas por essas aldeias de Portugal!

•Sino, coração de aldeia,
Coração, sino da gente,
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente....



(Ilustração de Martins Barata)

EM MARÇO:

•ILUSTRAÇÃO LATINA • — PUBLICAÇÃO MENSAL

O TRÊVO DA JUDEIA

(LENTA PORTUGUESA)

NUVENS pesadas impelidas pela impetuosidade dos ventos rolavam no espaço, formando como um docel de chumbo sobre a tristeza da paisagem nostálgica de Getsemani, a essa hora crepuscular.

A noite descia rápida, carregada de ameaças.

A atmosfera adensava-se.

Jesus, o Mestre Divino de doutrinas respiandecentes em eterna beleza, perfumadas da graça imortal da bondade sublimada, caminhava grave e pensativo pelas sendas estreitas do Horto das Oliveiras, buscando o lugar predilecto das suas meditações, insensível às fúrias temerosas dos ventos, aos promiscios de tempestade que fermentavam nos ares.

Num silêncio respeitoso o seguiram os discípulos, para não o perturbarem nos seus pensamentos.

Ao chegar ao sítio procurado, Jesus ajoelhou.

Os apóstolos discretamente se afastaram, para um abrigo propício ao repouso, e adormeceram.

A noite viera escura e tenebrosa. Nem uma estrela a brilhar no céu, nem um sorriso da lua a iluminar a palidez do Rabi da Galileia.

Os trovões clamaram raiosos, na sua voz tonitroante, os desesperos duma rude batalha entre forças opostas da natureza.

Os relâmpagos, em ofuscante zig-zaguear, cruzavam-se, chocando-se, confundindo-se numa epilepsia de movimentos, em frémitos de luz, em jogos scintilantes de pirotecnia.

A palidez de Cristo acentuara-se. Mas os seus joelhos continuavam dobrados sobre a terra. Os seus olhos negros erguiam-se ao alto na exaltação mística da fé. Os seus lábios, ao de leve entreabertos, no murmúrio doce da prece, não acusavam a tremura dos timidos, mas a decisão duma alma oferecida em holocausto a um ideal excuso.

De súbito, um raio fendeu as trevas, inundou duma claridade lívida o rosto de Jesus e o chão escancarou-se num fragor.

Um ente disforme, colossal, surgiu envolto em chamas rubras e doiradas, quebrando com gargalhadas sarcásticas a paz religiosa e severa daquela hora augusta.

O Senhor estremeceu e escutou as palavras de Satanaz, o rei das regiões infernais, pois era ele o profano indiscreto, porque só ele ousaria arrancar o Divino Mestre à sua oração suprema pela redenção da humanidade.

Na sua voz metálica lhe disse o tentador:

«Não vos cancelis, oh Cristo! Os homens não merecem os vossos sacrifícios. Sois novo, forte e poderoso.

Procurai as alegrias do mundo e gosai. O mundo é grande e os seus prazeres infinitos. Aproveitai».

— «Para que me tentas, inimigo das almas? Perdes o tempo. Tudo sofrerei para redimir o gênero humano da sua cadeia de maldades.

Cumprirei as ordens de meu Pai!»



D. EMILIA DE SOUSA COSTA
Ilustre escritora

— «Sofrereis um martírio longo e penosissimo, como nunca sofreu vivente algum. A vossa cabeça terá como auréola uma coroa de espinhos. Os vossos pés chagados verterão sangue de mil feridas. Sereis exposto à irrisão da populaçā, trajando vestes de realeza truancesca. Percorreteis, entre os apupos e os insultos duma multidão enjurecida, a Via Dolorosa, arrastando o peso madeiro da crucificação. Bebereis até às fezes o cálice da amargura e, antes do último alento, o vosso coração será trespassado por uma lança.

«Que vos importam, oh Rabi, os homens que vos condenam, se éles, esquecidos dos vossos benefícios, dos vossos milagres, vos imolarão às suas vaidades?

«Bem sei que déstes vista aos cegos, curastes os paralíticos, ressuscitastes os mortos e da vossa alma se desprende o bálsamo delicioso com que refrescastes esperanças, fizestes florir oásis na desolação de áridos desertos, brotar fontes de amor, na sarça ardente dos rancores e dos ódios. Tudo foi inútil. Os homens não vos compreenderam, nem vos compreenderão jamais. Vinde comigo e desprezai os ingratos».

Contraiu-se o rosto do Senhor, num rictus de amarga indignação, e ordenou:

— «Vai-te, perfido. Não quero mais ouvir-te.»

Satanaz soltou uma blasfêmia hedionda e desapareceu no abismo.

Deslizaram lágrimas de dor pelas faces do Rabi de Galileia. Da sua fronte sagrada correu sangue que caiu, gota a gota, sobre as pequeninas folhas de trévo que se estendiam como um tapete, verde e macio, em volta de Jesus. Em cada folha três nódoas purpurinas tremeluziram e ficaram retidas, numa caricia compadecida.

E então uma vozinha débil suplicou:

— «Senhor, concedei-me a graça de conservar para sempre, nas minhas folhas pequeninas, as górias preciosas do vosso sangue generoso e divino.»

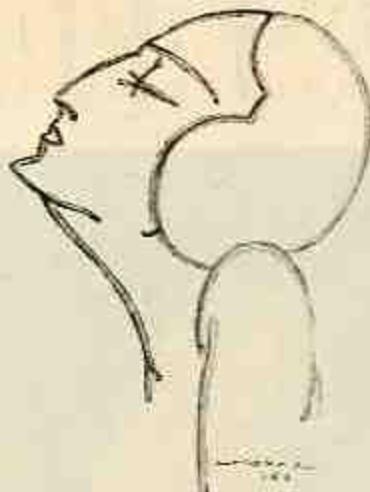
Abriu-se num sorriso de ternura a boca mortificada de Jesus, ao responder, na sua meiga suavidade de Santo dos Santos:

— «Trévo da Judeia, serás como desejas. Nunca mais, enquanto o mundo for mundo, se apagarão das tuas folhas pequeninas as górias do meu sangue puríssimo. E, para uni-las, juntar-lhes-ei a coroa de espinhos que em Jerusalém aguarda o cumprimento das ordens de meu Pai.»

* * *

Quem ainda hoje examinar as folhas dessa planta consagrada, encontrar-lhes-há os sinais de distinção com que Jesus de Nazareth afirmou o seu reconhecimento à piedade e à admiração duma plantasião tão humilde, que mal pode erguer a sua corola um palmo escasso acima do réz da terra.

UM NATAL



DRAMATICO

MÃE!

Dizem que a natureza é que prediz
Se a morte nos será bela ou mesquinha...

Do ventre da infeliz,
Nessa manhã nascerá a criancinha!

Da tempestade o trágico fragor
Não se pode pintar, não se descreve;
Cobriam-se de neve
Os montes em redor.

A pequena choupana miserável,
Onde viera à luz essa criança,
Como um beijo de graça e de esperança
Num lúbo feminil, brincando afivel,
Era o albergue da que outr'ora fôra,
(O destino fatal!)

A mais encantadora,
A jovem mais gentil da capital!
Um amor condenável, cego e louco...
Sonhara num vâdio um ser ideal!
Cairia num abismo, dentro em pouco:
Nos braços desse tórrpe sensual...
E tivera, a seguir, de abandonar,
Revolta a consciência,
O seu risonho, bem amado lar,
Todo paz, todo luz, todo inocéncia!

Piedosos corações que andam pregando,
Nas lutas da existência,
A bondade e o perdão,
Vinde lançar essa divina essência
Sobre este alanceado coração.

Pecou, tornou-se impura,
— Nos sabemos bem;
Mas se há um amor que lava a criatura,
Esse amor é o de mãe.

Já ia serenando a tempestade;
Do arco-íris a luminosa ponte
Lançava-se de um monte a outro monte,
Numa serena e etérea magestade!
Alguém bateu à porta carcomida
Da choupana. Do leito,
A pobre mãe febril, surpreendida,

Ergueu-se, e com o filho unido ao peito,
Foi de rastos abrir,
Um velho austero, entrono. No olhar, no gesto,
Perante a desgracada,
Não se leu um vislumbre de protesto;
Ela ficara olhando-o, prostrada.

Ergueu-a o receivendo
Nos seus braços ainda vigorosos;
E em sereinas palavras diluindo
A compaixão dos entes generosos,
Interrogou-a: — «Lembra-se dos sens,
Do seu outr'ora plácido existir?»
— «Por eles, todo o instante peço a Dens,
E até que a morte venha hei de pedir»,
Disse a triste.
— «Pois bem,
Nós esquecemos tudo,
Agora que a senhora é apenas... mãe.

Cruel espanto, incenarrável, mudo,
Fulgir nos olhos dela?
Em dias de procela,
Se um relâmpago brilha no infinito,
Anuncia o trovão;
Aquele espanto anunciará um grito
Que dizia um calvário de paixão!
A infeliz, ao solitário, desmaiou.
Não pôde calcular
O tempo que o desmaio demorou,
Vende-se, ao despertar,
Sob o paterno tecto que deixara,
No quarto luxuoso onde passara
A virginal infância descuidada.

Não mudara ali nada;
Podia-se um perfume de juncquilho
Ainda presentir,
Mas tinha a mãe a alcova — um berço, um filhote,
A ineludível prova do seu crime!
E poz-se o reflectir,
Alucinadamente:
«Coisa alguma na vida me redime;
Salvemos o inocente;
Este anjo não tem pai e se a mãe perde,

Servir-lhe-ão de pais, meus pais, e, assim,
Talvez não seja vítima, nem herde
Toda a vergonha que me envolve a mim!»

E imprimindo no ser recente-nascido,
Um beijo, todo amor, onde quiser
A vida be ficasse,
Estranha ao desalinho do vestido,
Desceu a rua. Há muito anoitecerá.
O tempo era sombrio.
Açoulava-lhe a face
A brisa glacial.
Dirigiu-se ao encontro desse rio
Que desliza ao sepé da capital,
Parou, porém, a meio do caminho;
E pareceu-lhe (ô ilusão de ouvido
De mãe cheia de angústia!) que o filhinho
A chamava do berço, num gemido...

Volto correndo ao sitio onde ficara
O fruto do seu ventre;
Como estreita vereda entre serra,
De soluços e lágrimas, por entre,
A sua voz ergueu-se clamorosa:
«Desgraçada de mim!
Pois não fui duas vezes criminosa!
Não te quiz eu também abandonar,
Meu lindo querubim!
O eterno remorso! eterna dor!
Eles eram pais, puderam perdoar;
Mas tu, ô filho meu, ô meu amor,
Quando souberes (eu hei de t' o dizer)
Que assim, quase ao nascer,
Pensei sem mãe deixar-te, que dirás?
Não te posso piedade merecer,
Não me perdoarás!»

Varrera o vento as nuvens. Gloriosa
A lua ia subindo
E de raios de luz caricias
O grupo revestindo.
A mãe chorando, orava e repetia:
«Meu filho perdoará, Senhor, dizei?
E o olhar da criança traduzia:
«Eu já te perdoo!»

SALA DE VISITAS



«POSANDO» PARA A «ALMA NOVA».

madame Rodrigues Pereira, esposa do brilhante advogado dr. Rodrigues Pereira, e de suas gentis amigas Clara e Virginia Herman Pereira, «posando» para a nossa revista.

O ALGARVE

Damos hoje o retrato de M.^{ra} Marta Cremilda Revez Guerreiro Corrêa, prenda da gentil menina da melhor sociedade olhanense.



FEMININO

se, e distinta aluna do 5.^o ano do liceu João de Deus, em Faro, que será, no próximo ano, uma das nossas «Afiliadas».

EM DEFESA DAS COLÔNIAS

COM as celebrações do cinquentenário da Sociedade de Geografia de Lisboa, — a prestimosa instituição que tão relevantes serviços tem já prestado ao país, especialmente no que respeita à defesa dos nossos domínios ultramarinos, — coincidiu o início dum a campanha urgentíssima e altamente patriótica, levantada por aquela mesma colectividade em defesa das colónias.

O apelo da doura instituição parece ter ecoado na alma popular.

País em que as colónias quase são a sua própria razão de existir. Portugal nunca poderia, de facto, ficar indiferente, nem consentir jamais, sem grave risco da sua independência, qualquer amputação, clara ou dissimulada, na carne sagrada do seu património. Compreendeu-o assim a mocidade académica das escolas superiores de Lisboa, Porto e Coimbra, resolvendo secundar a patriótica campanha da Sociedade de Geografia.

Atestando com factos, perante as outras nações, a sem-razão das campanhas difamatórias que contra nós são actualmente montadas, o mundo não nos regateará razão, nem esquecerá tão depressa que se hoje as suas poderosas esquadras e os seus admiráveis transatlânticos vão da grande América aos confins do Oriente, e cruzam a vastidão dos mares em todas as direcções, aos chavecos e aos marinheiros portugueses em especial o devem; e se as florestas vírgens da maior parte da África, das serrões da América e de vários pontos da Ásia e até da Oceania, foram há muito abertas à civilização, aos marinheiros e colonizadores portugueses o devem também.

A sessão solene da celebração das «bôtas de ouro» da Sociedade de Geografia, foi precedida pela seguinte série de conferências, que deram inicio à campanha pró-colónias:

— «O General Joaquim José Machado e a sua obra nas últimas 50 anos de administração colonial», — pelo Dr. Caetano Gonçalves, em 2 de Novembro;

— «Potencialidade de Angola», — por João Alexandre Lopes Gonçalves, em 3;

— «Manifestações da actividade e trabalho dos portugueses na cidade e porto da Beira (Moçambique)», — por Carlos Roma Machado, em 4;

— «A engenharia nas colónias», — pelo Visconde de Almeida Garrett, em 5;

— «Alguns aspectos do problema colonial», — pelo major Fernando Ultra-Machado, em 6;

— «Timor, nos seus diversos aspectos», — pelo major Leite de Magalhães, em 7;

— «Índia Moderna», — pelo dr. Jaime de Moraes, em 9;

— «A capacidade colonizadora da Nação Portuguesa», — por Lourenço Cayola, no próprio dia da sessão solene, em 10.

Damos hoje dois rápidos apanhados de duas dessas brilliantíssimas lições — a conferência do major sr. Leite de Magalhães e a do sr. Visconde de Almeida Garrett.

T I M O R

COLÔNIA DE TRADIÇÕES E DE RIQUEZAS

“QUANDO em 1908 deliberei iniciar a minha carreira colonial por Timor, — Timor era a colónia difamada. Pensava sobre ela a maldição política resultante da lei de 13 de Fevereiro, e o julgamento cruel de Oliveira Martins que, n.º 0 Brasil e as Colônias Portuguesas», afirmava não ser causa nephuma nem nos ligarem a ela tradições.

Tendo estudado a colónia, verifiquei o contrário: a realidade do seu valor e do seu desenvolvimento material e económico, ligada a tradições da maior honra para o nosso nome e para as nossas qualidades colonizadoras.

Fazendo a história de Timor, o Major sr. Leite de Magalhães põe em destaque, que esta colónia constitui um descobrimento português tão glorioso como qualquer dos outros, muito embora seja ignorado o descobridor, o facto, porém, consta da relação da 1.ª viagem de circumnavegação, deixada por Pigafetta, e é confirmado pela narrativa do grumete da nau *Vitoria*, Martim de Agamonte, feita em Malaca perante o capitão Jorge de Albuquerque, e existente no arquivo da Torre do Tombo. As fases da sua ocupação e conquista demonstram como a energia da Raça se manifestou naquela ilha, onde o espírito rebelde dos povos levou séculos a dominar e onde as intrigas e as maquináções holandesas, que só há muito poucos anos terminaram, não requereram menos energia e esforço diplomático.

Formam legião os governadores que ali se distinguiram pelo seu tacto administrativo e pelo vigor do seu braço. Muitos deles, esgotados pelo labor ou torturados pelas dificuldades, ali ficaram para sempre, na terra dos cemitérios.

Apreciada scientificamente, tanto sob o ponto de vista antropológico, como nos campos geológico, botânico e zoológico, a ilha de Timor oferece um alto interesse, devendo chiar-se as opiniões discordantes de Hamy, A.

Lesson, Ten Kate, Barros e Canha e Mendes Correia, sobre as suas raças; os pareceres de Hirsh, sobre a geologia, e os de A. Forbes, sobre a flora. Pelos seus estudos próprios, firmados na linguística, na tradição histórica e nas indicações geográficas, o Major sr. Leite de Magalhães diz ter chegado a concluir que o povo timorês, considerado nos dois mais importantes núcleos que o constituem, tem afinidades marcantes com o povo «Bataks» de Sumatra, e o povo javanês, não em estado de pobreza, mas já cruzados ambos na sua passagem pela Celebes e ilhas do arquipélago das Molucas. A flora e a fauna, essas, são, evidentemente, a transição entre a flora e a fauna asiáticas e a flora e a fauna australianas, mas possuindo também espécies novas.

Nas suas riquezas, é digna de especial menção a curiosidade das alterações de petróleo nos pontos mais diversos da Colónia; e na variedade das suas produções, avultam a do café e a da copra, sendo, porém, notável a co-existência das plantas mais características da zona equatorial e da zona temperada, naquele mesmo habitat, onde, na verdade, se vive sob diferentes climas.

O fomento agrícola de Timor foi iniciado pelo governador Alcoforado e Sousa, em 1815, tendo prosseguido até ao governo do sr. Filomeno da Câmara (1911-1916), que estava transformando a ilha numa grande plantação.

O comércio em 1924 foi além de 1.270 contos-ouro, dos quais 618 de exportação. E as suas receitas ordinárias para 1925-1926 foram computadas em 643 contos-ouro, mas, na sua opinião, o grande aumento de 273 contos-ouro, sobre as receitas calculadas no ano anterior, representa uma violência que não honra a administração da Colónia.

«Como Mousinho da Silveira, o sr. Leite de Magalhães só admite a ciência financeira que não esteja na contabilidade astimétrica, mas no alcance da matéria contribuinte — o que não se fez.»



MAJOR LEITE DE MAGALHÃES

ALMA NOVA

PORtugueses no Brasil

O grande estabelecimento de S. Paulo "Loja do Japão"



O
EXMO SR.
MANUEL
GARCIA
DA
SILVA

CHEFE
DA
FIRMA
GARCIA
DA
SILVA & C°

Grupo do chefe, sócios, interessados e auxiliares da "Loja do Japão"



A LOJA DO JAPÃO, o grande estabelecimento da Firma Garcia da Silva & C°, situado à Rua de S. Bento, numa das artérias mais centrais da famosa Capital do Estado de S. Paulo, é um dos que boeiram a atividade da Colônia Portuguesa do Brasil. Dentre hoje, o retrato do chefe dessa importante casa, nosso preiado Amigo exmo sr. Manuel Garcia da Silva, e o grupo em que lhe está com seus dois filhos e sócios, também nossos preiados Amigos exmo sr. Manuel e Alfredo Garcia da Silva, rodeados de interessados e auxiliares, queremos por em destaque o encantador estúdio da nossa querida Colônia, da qual aqueles exmo sr. são destacionais vultos.

O exmo sr. Manuel Garcia da Silva, casado com uma distinta senhora, filha do ilustre e venerando Coesa de S. Joaquim, é natural de Lamego, onde tem magníficas propriedades e tem feito muito bem, e possui em Lisboa um lindo palacete, à Avenida Fontes, de requintado gosto de mobiliário e ornamentação.

Muito relacionado e estimado em Portugal, no Brasil e em França, é um distinto elemento da nossa sociedade, onde a sua falta é sempre sentida.

EM MARÇO: «ILUSTRAÇÃO LATINA», PUBLICAÇÃO MENSAL

GRANDES DE PORTUGAL

GAMA BARROS

II

HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XII A XV

OBJETIVO do historiador, ao escrever esta obra, foi, como diz no resumido próemio que a abre, «apresentar a administração pública em Portugal sob todos os seus aspectos em relação ao regime interno», e este estudo abrange a época decorrida desde a fundação da monarquia, até ao fim do reinado de D. João II; mas, continua no referido próemio, «para analisar de perto o mecanismo da administração e o seu influxo, não basta conhecer o direito que a regia, é necessário penetrar mais no âmago da sociedade, perscrutando os costumes de cada classe, investigando os seus privilégios e encargos, e atentando também na constituição da família e da propriedade, na justiça civil e criminal»; assim é que o historiador, baseado nestes conhecimentos, hauridos no cotejar beneditino e apurado de uma assombrosa documentação impressa e manuscrita, e das obras da especialidade que com o assunto se relacionam, vai «retratar o modo como se governava a nação portuguesa... observando as transformações que se sucederam até o rei da século XVI, em que, sob o império da monarquia absoluta, o país vai entrar numa fase nova da sua evolução». Tal é, nas palavras do próprio autor, o objecto do seu trabalho, cujo plano grandioso, tão singelamente esboçado, só se poderá avaliar, convenientemente, quando se atentar na sua magnificente e prodigiosa execução.

Numa espécie de introdução (Livro I: Direito escrito e direito tradicional) começa o autor pelo estudo do direito medieval da Península, analisando o código visigótico, cotejando o direito consuetudinário e os forais, perscrutando o direito canônico, relacionando-os com o direito romano, e passando à descriminação e exame das 8 leis gerais. O livro segundo abrange o estudo da administração central: poder do rei e seus limites; clero, ordens militares, nobreza e povo; cortes, organização do governo, casa real, funcionários, conselho do rei e tribunais; sucessão da coroa e a regência do reino. A propósito do poder do rei aborda o magno problema da existência do feudalismo em Portugal, chegando à seguinte conclusão: «Achamos das relações da classe nobre para com a coroa diferenças radicais com o sistema feudal; mas, considerado nos seus domínios próprios, o homem nobre aparece-nos numa situação que tem manifesta analogia com a dos senhores feudais, na imunidade, no exercício dos direitos jurisdicionais, e nos encargos e serviços que lhe deviam os moradores e cultivadores das suas terras. Embora na origem esta situação fosse de todo alheia ao regime do feudalismo, reconhecemos o influxo dele na extensão dos direitos e prerrogativas que se foram arrogando em Leão e Castela os senhorios particulares. Nesses reinos e no de Portugal a ação e reacção entre o princípio feudal, que era dominante em grande parte da Europa, e as circunstâncias peculiares da Península, que repeliam aquele princípio, produziram um sistema político especial, que não era o feudalismo porque lhe faltavam os caracteres essenciais, mas que também proporcionava à aristocracia elementos vigorosos de resistência ao desenvolvimento do poder do rei, nos amplissimos privilégios de que a nobreza estava revestida»⁽¹⁾.

Nos tomos II, III e IV, expõe desenvolvidamente a situação económica do país, estudando: — no Tomo II, a população e sua divisão em classes; a condição servil e as fontes da história da população; cartas de aforamento, forais, inquisições, etc.; a organização municipal, o sistema monetário, colônias estrangeiras, feiras, as crises de fome, as taxas de preços, epidemias, luxo, comércio, os progressos das classes inferiores, os coutos, as guerras externas e as lutas intestinas, e, num capítulo final, trata do descobrimento e colonização dos Açores e da Madeira, e do progresso da nossa navegação até ao fim do reinado de D. João II, ao que se seguem várias notas e aditamentos; — no Tomo III, o regime da propriedade; caça e pesca, achados de tesouros e de minas, prescrições, contratos, compras e vendas, arribas, evicção, vícios redibitórios, direito de avega, escambo, doações, rebora, insinuação, incomunicação, sucessões (legítima, natural e testamentária), arrendamentos, hipotecas, fianças e depósitos, prisão por dívidas, protecção ao direito de propriedade; o estado das classes populares em relação à posse da terra, na monarquia dos Visigodos e até à fundação da mo-

narquia portuguesa; com o direito de origem romana, o último estado do direito visigótico, período da reconquista cristã até à fundação da monarquia; o sistema tributário, reguengos, foros, propriedade alodial, aforamentos, vínculos, morgados, sesmarias, tabeliado, etc., etc.; — no Tomo IV, estuda o estado da agricultura, indústria e comércio: produtos agrícolas, cereais, vinho e azeite, linho, frutas, cera e mel, cortiça, açúcar, criação de gado, pastos; indústrias dos panos, lojas, fornos de pão, cal e vidro, moinhos, e fábrica de papel, sabão, sericicultura e tinturaria, de ouro e prata, coiros, pesca, sal, etc.; comércio, dinâmicas e sisas, etc.; ferros e medidas, relações comerciais com as colônias e com o estrangeiro (Itália, Flandres, Inglaterra, França, Alemanha, Castela e Mouros); comércio dos judeus, exportação e importação, etc. — tudo isto baseado numa formidável documentação, que dificilmente outrem poderia acumular.

Nas páginas calmas e imparciais da *História da Administração Pública*, evoca-se ante o leitor toda a vida social da Idade Média portuguesa. Serenamente, friamente, como o anatomico que retalha um gelido cadáver, com uma objectividade que só uma inteligência puramente disciplinada logra atingir, sem preocupações afirmadas e sem ideias que não assentem sobre uma documentação exaustiva; numa linguagem limpida e sóbria, o egregio historiador vai analisando, documento por documento, descriminando em séries, facto por facto, instituições por instituição, estudando ora uma crise social colectiva, ora a população dumha província, ora o sistema tributário de uma região, até poder formular conclusões que se impõem por um raciocínio profundo, e por uma lógica cerrada e confirmada. A linguagem é sempre tranquila e serena, já quando Gama Barros desdobra o sudário bediudo de barbarie medieval, vista através da análise dos costumes, já quando se alonga no estudo do direito criminal, da aplicação dos castigos e penas, na descrição das classes servas ou do luxo da nobreza. Também a natureza das matérias dissecadas pelo grande historiador não se prestava à reconstituição dramática e agitada de que as páginas animadas e palpitaantes de Herculano são frequente exemplo. Gama Barros possuía em elevado grau o sentido da história, e, eu por uma tendência de espírito ou por educação adquirida comprazia-se mais na análise profunda dos factos, na descriminação meticolosa das instituições, na crítica e apuramento comparativo das fontes, do que nas generalizações ou sínteses rápidas de que, por vezes, enfermam as obras dos maiores historiadores. A sua obra, de uma concepção gigantesca, que só uma longa vida orientada na pesquisa e análise de montanhas de documentos e de escritos especiais e vários poderia levar a cabo, é um modelo de equilíbrio e de proporções onde o pormenor não desvia da generalidade, e onde a própria erudição não sufoca a singeleza de uma particularidade jurídica descremadas. Jamais lhe faltou um elemento que permita a sua consulta rápida e pormenorizada: é um índice alfabetico geral, que ninguém melhor do que o historiador, poderia fazer, mas que é servir que qualquer pessoa culta dada ao manejo das ciências históricas pode ainda prestar aos estudiosos.

Quando apareceu o 1º volume da *História da Administração Pública*, o seu autor foi unanimemente considerado um continuador de Herculano e mestre de quantos se davam a investigações de carácter histórico.

Em 1921, por iniciativa do prof. Leite de Vasconcelos, a d'outa Academia das Ciências de Lisboa, por intermédio da Classe de Letras prestou justa e sóbria homenagem ao seu «eminente sócio de mérito Dr. Henrique da Gama Barros». Foi-lhe dedicado o fascículo 3 do vol. XIII de Boletim da Classe de Letras, em cujas páginas alguns nomes mais representativos da ciência portuguesa traçaram o perfil moral, literário e científico do grande historiador, sendo notável a todos os respeitos o estudo em que outro historiador ilustre, o Sr. Fortunato de Almeida, analisa a obra monumental de Gama Barros. Essa consagração, que no caso de Gama Barros era mais um dever que a Academia precisava honrosamente de cumprir, foi uma das mais justas e raras que a d'outa corporação científica tem prestado. Poucos escritores lhe tiveram merecido em vida essa apoteose colectiva então feita a um homem que, ao dobrar quasi o canto dos noventa anos, ainda punha as suas luminosas faculdades

CAMILO E A ARTE



A BRUXA DE MONTE CORDOVA

TRABALHO DE J. SAAVEDRA MACHADO,
PARA O «IN MEMORIAM DE CAMILO»,
OBRA MONUMENTAL
EDITADA PELA «CASA
VENTURA ABRANTES» E DIRIGIDA AR-
TISTICAMENTE POR
AQUELE NOSSO CAMA-
RADA DA DIREÇÃO

des ao serviço de um trabalho quotidiano de redacção de uma obra a que consagrou a actividade de uma vida inteira de labor honesto e sôlo. Na época que vai correndo, em que os homens se pretendem criar reputações vertiginosas, à custa sabe-se de que meios, é consolador ver essa vida intensa de trabalho, arrumado e acomodado com um método implacável e seguro, utilizadó por uma inteligência orientada no sentido de um ramo do saber que mais e mais subtis facultades de análise e de crítica require.— posta ao serviço de um objectivo que, realizado como está, fica sendo um monumento de elástica resistência contra a sanha irreverente e audaciosa dos tempos.

Eis em poucas linhas um rápido esboço bio-bibliográfico de uma das maiores sumidades científicas da nossa terra. Não é para as páginas desta revista, que dispõe de pouco espaço, uma análise documentada e meticulosa da obra de Gama Barros, pois ela requeria largas colunas para considerações de variedade, além de que essa análise, já está feita, e magistralmente, pelo Sr. Fortunato de Almeida. A *Alma Nova* não podia deixar, porém, de consagrá-lhe estas singelas linhas, obedecendo ao dever de curvar-se reverente ante a memória gloriosa desse esclarecido filho de Portugal.

Lisboa, 1 de Setembro de 1925.

LUÍS SAAVEDRA MACHADO

A
LAREIRA
E
O NATAL



FERREIRA DE CASTRO

ALAREIRA é grave e austera — e tem esse pardo-negro das coisas verdadeiramente velhas, das coisas que os séculos oscularam muitas vezes já. Sobre a lareira os utensílios de cosinha, onde se preparam as iguarias modestas, parecem brinquedos sobre uma lápide funerária. Como será o diálogo desses utensílios, quando o lume está aceso? As tenazes dir-se-ão dispostas sempre a apanhar um peixe de fogo que hode saltar na lareira.

Em cima está o tecto, também revestido de luto, pela fuligem. Mas só a lareira ocupa tudo. Os bancos rústicos, a mesa e armário mergulham na sombra, revelando apenas uma face — essa que está voltada, em muda oração, para o altar da lareira, onde se queima o incenso da eternidade.

E a masseira é como uma urna aberta — que esperá que espera não se sabe que cadáver...

Os velhos amam o estar ali. E' ali, por debaixo dos troncos que se vão queimando, que a árvore da família deitou para sempre as suas raízes. E' ali, também, que está o Natal. O Natal está, verdadeiramente, na lareira. Tudo o mais são interpretações secundárias, elementos da civilização, invenções do homem ao longo da senda dos anos.

E' a lareira que está sempre uma velhinha a perguntar ao lume:

— O meu filho virá? Não virá?

E' da lareira que se levantam sempre os Pais, quando ouvem na estrada passos que se aproximam ou o rodar dum carruagem, na solidão da noite.

E' que o fogo faz reviver a vida morta, e que as labaredas vão ressuscitando ilusões perdidas, fantasmas pretéritos, sepultados em mui remotos sepulcros.

As labaredas tecem um estranho poder criador: — há

nelas baileados russos, *follettes* bizarras, expressões singulares, movimentos convulsos. A mão que açoita e a mão que acaricia brotam do coração em brasa dum labareda. E são as labaredas, grandes fábricas de brinquedos de Nuremberg, — elas desenharam perante os olhos meninos esses brinquedos que eles esperam sempre do Natal.

Quantos cavalos de crina fulgurante e quantos bonecos estranhos fabricam todas as noites as labaredas!

E' também na lareira, bem junto ao fogo, que se sente a subtil gelidez desse grande manto branco que o Natal vai estendendo durante a longa caminhada — a neve.

Só se tem uma funda impressão da neve, quando esta é evocada perto do concílio das brasas.

— A aldeia deve estar toda branca!

E pensa-se:

— Agora os saltos das crianças devem quebrar espelhos por esses caminhos...

Crispam-se as nevoas — um estremecimento percorre todo o corpo e pode-se calcular ate a densidade da neve, sua altura precisa, pelos campos além.

E' ainda ali, junto ao resplendor da lareira, que a ceia do Natal é verdadeiramente uma ceia de família.

Dir-se-á que o fogo levou todo um ano a cozinhá as iguarias — e os ausentes, aqueles que só volvem no Natal, têm a sensação de que não se realizaram ali outras ceias — e que, por isso, eles não estiveram distantes, porque aquela ceia é verdadeiramente a sucessora da ceia da véspera — e assim nenhum outro tempo se estava pelos clepsidras da Eternidade.

Ai de quem não tem uma lareira, porque nunca terá um verdadeiro Natal!

POR
FERREIRA
DE
CASTRO

AOS NOSSOS JOVENS ESTUDANTES:

PARA QUE SEJAIS "HOMENS"

II

A INFLUENCIA DO MEIO. OS HABITOS. A ATITUDE A TOMAR

Produto que sois do meio, tendes naturalmente os defeitos do mesmo, como uma planta é mais ou menos bela, mais ou menos viciosa, quanto melhor ou pior é o ambiente em que cresceu e se desenvolveu.

Mas, sobre a planta, vós tendes a superioridade imensa de possuir uma vontade e, consequentemente, o poder de em vós dominardes o meio, para depois poderdes, mais facilmente, mais eficazmente e com mais direito dominar-lo fora de vós.

Domandando-vos, pois, a vós mesmos é que podeis dominar os outros. Para isso um longo trabalho se impõe de vós sobre vós. Estais constituídos, formados, como seres humanos que sois, por determinados hábitos; a esses hábitos, que são variadíssimos — como seja, por exemplo, o de andar, o de ler, o de trabalhar, — e que, não falando nos herdados, se adquirem de muitas maneiras, — obedecem os actos.

Os hábitos somos nós que os criamos. Depende, pois, de nós criar hábitos bons ou hábitos maus. Trata-se por consequência de procurar adquirir os bons e evitar os maus, destrui-los (quando adquiridos ou herdados) por um esforço constante, persistente. Para realizar essa obra (a mais bela que é dada ao homem realizar), deveis conhecer-vos a vós próprios, estudar-vos com muitíssimo cuidado (pois não é fácil ser juiz na propria causa), para tomar conhecimento dos hábitos maus que herdastes e adquiristes, aceitando de boamente os repergos que vos sejam feitos, procurando-os até.

Deveis adquirir a necessidade de vos transformardes, por isso o maior entusiasmo, tendo em vista uma pessoa superior que tiverdes criado em espírito como nas primeiras coades se criam seres fantásticos, fadas, hemifazendas e príncipes encantados. Ao mesmo tempo, pois, que essa pessoa ideal se vai formando no vosso pensamento, deveis procurar realisa-la na realidade da vossa vida inteira. E esta, sem dúvida, a obra que mais dificuldades apresenta. Tendes então de exercer a vossa vontade, essa formidável força — a mais nobilitante do homem, quando posta ao serviço dum ideal que o ultrapassa.

E' ela a principal arma contra os maus hábitos, contra todas as fraquezas; é ela que mais atesta o energia humana.

Foi ela que permitiu ao grande general francês, Turenne, no começo dum batalha, empregar a frase célebre, que se tornou célebre que o símbolo do domínio do homem sobre si mesmo: «Tremble carcasse, tu en verras bien d'autres».

E' uma grande e gloriessa batalha, que demanda muita coragem e portanto muita vontade, aquela em que se trata de vencer os maus hábitos.

Para adquirir essa vontade, deveis aprender a adquirir hábitos fáceis, simples, ou seja uma disciplina imposta a vós próprios, todos os dias, a todas as horas, relativa a coisas mínimas da vida: à hora do levantar, à hora do deitar, à maneira de falar, à maneira de tratar os livros, à maneira de estar, à maneira de andar. Não deveis guardar para depois o que pode ser imediatamente feito; não deveis estar ociosos, pois a ociosidade é a maior inimiga da vontade e facilmente conduz ao relaxamento; não deveis permitir que outrem faça o que vos cumpre a vós fazer.

Assim, exercitando-vos na formação destes hábitos simples e relativamente fáceis, mais facilmente adquirireis bons hábitos, mais complicados, mais difíceis, que exigem muito maior esforço. Deveis afastar da vossa imaginação, todas as vezes que nela apareçam, os pensamentos que digam respeito ao hábito mau contrariando-vos em tudo que não se refira à pessoa ideal que queréis realizar. Deveis

ainda escolher a companhia daquelas que tenham iguais desejos, ajudando-vos mutuamente nessa obra superior, pois nada de grande, de eficaz se consegue, sem uma forte cooperação, sem um forte auxílio mútuo. E assim como, quase sem dar por isso, vos encontrastes com hábitos maus, encontrar-vos-veis com hábitos bons, perante uma nova individualidade — uma personalidade. E então a alegria imensa, a sálida alegria de ser gente, de ser alguém, de ser *Homem*!

Mas quais são os hábitos maus e quais os bons? Como devia ser essa pessoa ideal que se trata de realizar? Quem vos dirigira nessa obra tão vasta?

Vós mesmos, o vosso espírito, no que ele tem de mais pericito, ou seja, a vossa razão educada, muito cuidadosamente educada, porque o meio português tem artes de perverter os mais belos princípios, as mais belas intenções.

Um exemplo: estudar é um bom hábito? É, mas há muitas formas de estudar: há o estudar que idóta, que escraviza, que mata a viveza, a espontaneidade do indivíduo, que cria o horror ao trabalho (é essa quase sempre a vossa forma de estudar) e o estudar que desenvolve a inteligência, que liberta, que verdadeiramente edifica, que cria o amor ao trabalho. Vêem, portanto, que o caso não se reduz a meia dúzia de regras de fácil aplicação. No entanto, em grande número de livros, na vida dos que foram *Homens*, podeis encontrar preciosas orientações, caminhos que guiam a vossa razão.

Assim, só assim, seréis homens dignos desse nome, homens verdadeiramente livres, ou seja, homens com a coragem de proceder em conformidade com o que a razão educada vos dita e não com o que o acaso, as circunstâncias vos oferecem, — homens úteis a vós próprios, porque a mais sólida, mais duradoura prosperidade individual assenta na prosperidade social, que não é mais de que a soma das virtudes de cada membro da sociedade.

A atitude que vós aconselhais que tomais é a atitude verdadeiramente humana.

Para a sustentar tendes contra vós o meio, desvantagem enorme em comparação com os vossos colegas dos países verdadeiramente civilizados, que no seu meio social (aliás não isento de muitos e graves defeitos, fortemente o acréscimo) encontram incitamentos de toda a ordem, noções salutares, um condicionamento vitalizador, e numerosíssimos exemplos de uma vida saudável e forte.

Mas tudo a vontade vence.



A HISTÓRIA

de

TEIXEIRA LOPES

Outra prima dum ilustre escultor

No figura da História, na sua tristeza profunda, mas ao mesmo tempo na esperança que transmite o seu olhar, está como que o símbolo do Portugal dos últimos cento e tantos anos, em que, depois dum percurso decadente, os portugueses aspiraram e lutaram por dias melhores, procurando voltar a ser úteis.

No cemitério ocidental de Lisboa, por detrás da igreja, sobre o túmulo do historiador Oliveira Martins, encontra-se, molhada em bronze, uma figura de mulher muito magra e muito triste; o seu olhar está fixo longe, muito longe, e na sua suave melancolia parece descobrir-se uma esperança.

Nos joelhos segura abanquadamente um livro aberto, como se o tivesse acabado de ler há pouco; pode-se ver o título, são Os Filhos de D. João I — essa pleia de príncipes ilustres como outra nação jamais teve. Representa a História de Portugal de Oliveira Martins e é obra admirável do escultor Teixeira Lopes. Representa a alma da nossa pobre pátria de hoje, tendo nas recordações gloriosas do passado, na mágoa que a dilacerava do presente, a esperança de um futuro melhor.

Esse futuro está em vós, se vós quiserdes imitar o médico de exemplo que no anterior capítulo vos dei, se vós quiserdes ser *Homens*.

O NATAL DE ANGELA



M.^{ae} Eugenia Cecilia
Abreu Gaupin de Sousa
(GENY)

QUEM compra um ramo de flores? — Quem compra? — Repetiu a vizinha infantil e já rouca da Angéla, que se braçava um açaíate cheio de violetas.

As moças resplandeciam de luzes e brinquedos que furtam a felicidade da criança mais exigente; senhoras sorridentes, envoltas em peles, passavam com os milos carregadas de embrulhos; os homens das castanhas lançavam mais alto o seu pregão e havia na atmosfera, nas casas, no andar apressado dos transeuntes, qualquer coisa de festivo, que soava agradavelmente aos ouvidos de Angéla.

— Oh, rapariga, estas tão cégas que nem vés os *pintins*? — e uma mão brutal chama-a à realidade, com um violento puxão de orelhas.

A pequena encolheu os ombros: — estava tão habituada a ser tratada assim! ...

Quando chegasse a casa teria a madrasta a esperá-la com o mesmo correctivo, visto que nem um único ramo conseguira vender!

A dois passos dali estava uma vendedeira de palmo e meio de altura, bem mais afortunada do que a pobre Angéla.

Trazia também um cesto; mas este tinha camélias, que uma senhora comprou logo, para pôr no regalo.

— Como hoje é noite de Natal, dou-te o dobro pelas tuas flores, — e, fazendo uma ligeira festa na pequenita, afastou-se apressadamente.

Desprendeu-se uma lágrima dos olhos negros de Angéla:

— Só a ela ninguém comprava nada!

Noite de Natal, com repiques de sino, canções entoadas ao Menino Jesus deitado nas palhinhas! Sim, Angéla lembrava-se vagamente de ter ido com a avó, à noite, rezar numa Igreja.

Quando chegaram a casa ela tirar-lhe os sapatos, que no dia seguinte apareceram cheios de brinquedos.

A avó morrerá, e nunca mais lhe falarão no Menino deitado nas palhinhas, nem nos sapatos a aburrir de guloseimas ...

Angéla já nem sentia o frio, a recordar os tempos felizes da sua vida ainda tão curta! De repente atravessou-lhe o espírito a imagem da madrasta, e um arrepião de medo secundiu-lhe o corpo débil.

Se ao menos naquela noite lhe perdoassem não ter vendido nada!

Decididamente, o Menino Jesus esquecera-se dela, negando-lhe o quintal de alegria que lhe competia na sagrada noite da Natividade.

Onde estava o velho das compridas barbas brancas, que batia à porta dos meninos bons, com um misterioso saco nos ombros enregelados pela neve das estradas? Naturalmente não sabia a morada da Angéla, pois nunca lhe aparecera com o seu sorriso paternal, a entrete-la, contando as lindas histórias que só ele sabe.

O frio aperava, a pouco e pouco, torturando implorosamente as pernas nuas da pequena.

— E se eu ingresse?! Talvez que encontrasse pelo caminho o bom velho do Natal!... — e a esta ideia Angéla, deitando o chale para as costas, começou numa correria louca.

* * *

A Ima, escondida nas turvuras que toldavam o céu, espalhava uma luz de madrugada.

Angéla corría sempre.

Afustava-se tanto que já nem ouvia o bulício da cidade. Leva os pés ensanguentados, mas a ansia de fugir dava-lhe forças sobre-humanas.

Por fim, parou exausta.

Uma música, mágica e dífice, vindas dum palacete próximo, vibrou como um murmurio de prece!

Angela julgou morrer, tão desajeitada se sentia. Ante aqueles acordes divinos, transpareceu uma suave alegria no seu rosto.

Sonhava-se já a caminho do Paraíso, elevada nos braços de anjos que entoavam coros celestiais ...

Levantou a cabeça e ficou-se a especiar por uma janela entreaberta, num deslumbramento mundo: ao meio dum salão, feérico de luzes e cristais, via-se uma árvore vergada ao peso de mil crinas bonitas.

E Angéla desmatou com um sorriso nos lábios rúxos, como as violetas que apertava contra o peito.

* * *

Esfregando os olhos, para ter a certeza de que não sonhava, Angéla viu-se numa sala aquecida por um lume crepitante, onde variadíssimos brinquedos a deixavam na ansiedade da escolha.

* * *

Angela hoje é feliz em casa da generosa gente que a encontrou calda na estrada, meio morta de frio.

Nunca mais vendeu flores pela rua, nem sentiu a neve dos caminhos, e já acredita que Deus não se esquece de recompensar generosamente os desprotegidos da sorte, na bem aventureada noite de Natal!

P O R

G E N Y

SAGRES

ALTAR
DA
PÁTRIA

PÁGINA
DO
ALGARVE

SAGRES

O MONUMENTO
AO
INFANTE

COMMEMOROU, em 25 de Outubro p. p., o seu primeiro aniversário, o «Centro do Algarve», no Rio de Janeiro, que realizou, por esse motivo, uma brillante sessão solene, tendo sido convidado para orador oficial o director da revista «Portugal», sr. Rui Chianca, que fez um discurso por todos os títulos notável, o elogio do Algarve.

Saudando, como algarvio que somos, o vigoroso escritor, finíssimo poeta, alto dramaturgo e sincero patriota, transcrevemos, com a devida vénia, a emocionante narração duma visita feita pelo mesmo ao Promontório de Sagres. Eis o formoso trecho:

«Apesar de estarmos no coração do inverno e sob a violência de um vendaval, que se desencadeara na véspera; apesar de haver notícias de árvores arrancadas e postes caídos, não me foi difícil descobrir um cocheiro ousado, aventureiro e ságiro, que me levasse nessa mesma noite ao Promontório Sagres. De noite e com vendaval é que eu sonhara conhecer o Infante.

A chuva cessara quando partimos. Só o vento cantava ameaças ao longo das estradas desertas, cerrando cortinas de nuvens sobre o foco da prata da lua cheia.

A um dos lados, vestidas de branco, as amendoeiras floridas pareciam noivas a caminho da igreja; do outro, saíndo da terra ensopada e revolta, emergiam contorcidos, esqueleticos, em atitudes trágicas, os troncos nus das figueiras andas, como dedos descomunais de bruxas enterradas em vias, na contracção desesperada do último arcanjo dum agonia fantástica.

E os silvos do vento a insultarem a serenidade do mar; e as contorções das figueiras desnudadas numa revolta macabria contra o notado alvincente das amendoeiras floridas, eram para a minha alma aspectos novos, materializados, vivendo e sofrendo, sorrindo e bramindo, dos dois princípios da vida: o princípio do Bem e o princípio do Mal! O génio que cria e o génio que destrói: — O Infante a sonhar e o Infante a sofrer. Porque o mistério espiritual de D. Henrique está nesta constante oscilação entre os sonhos dos descobrimentos e as amarguras da sua realização.

Pouco antes de Vila-dos-Biscoitos já se ouvia o roçar do Oceano. As três horas da manhã pisava eu a rocha nua da Promontório e lançava a primeira pregunta ao mistério indomável do Mar.

Que maravilhoso espectáculo!

No chão, sob os meus pés, resfolgava, como ciclope vencido, o descomunal rochedo. Aos corcovos, de arrancada furiosa, espumando raias titânicas, a cavalcada das ondas batia a rocha do Cabo, saltava, gritava, rugia, escalava, desfeita em espuma, a sentinelha do Atlântico; vencida, tombava gemicendo, reenava sombria e domada, para tornar a saltar com força nova e desuspeito maior!

E ali, sózinho em face do *Mare Nostrum*, que então fora tempestuoso mar, encantado e lendário, maravilhoso e terrível; no mesmo altar onde o Infante dos descobrimentos sacrificara à Pátria a chama do Cimento, a arder como um fogo sobre os elementos desencadados; ali, Santo Deus, nessa hora, eu compreendi Portugal e o seu Infante!

Não! Sem o Algarve e sem a rocha de Sagres não se entende completamente a nossa epopeia marítima!

Se as terras d'Alentejo foram a cabeça e a origem da nacionalidade; confirmada na Extremadura com a batalha épica d'Ajuda; realçada no Alentejo, campo glorioso da nossa restauração; recomeçada nas Beiras, onde se quebrou no Bussaco o orgulho do invasor francês, como outrora nos Herminios de Viseu se quebrou o do invasor romano; se a cada província coube um principal papel na construção dessa obra de imortalidade, que se chama Portugal, ao Algarve pertence a glória de ter dado aos descobrimentos;

o ambiente propício ao génio sublime do Infante, o trono magnifico para o voo da grande águia e os navios e os homens: os frágeis varinéis de pesca e as ríjas almas dos pescadores de Lagos, de Olhão e de Vila Nova!»

RUI CHIANCA

Eis uma linda e patriótica iniciativa algarvia, que desde há muito devia de ter encontrado um eco de entusiasmo em cada coração português: — a ereção dum monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres.

Levantar um monumento ao Infante, nos próprios rochedos onde este viveu e meditou e donde obteve a conquista do Grande Mar as primeiras caravelas lusiadas, não é apenas um dever dos algarvios, é um dever nacional — e impõe-se.

O distinto oficial de marinha sr. Sebastião da Costa, nosso querido colaborador e uma das mais altas figuras intelectuais do moderno Algarve, escreveu-nos há tempos de Macau uma curiosa carta em que nos da, de passagem, a sua opinião sobre o assunto:

«Meu Exmo amigo... No «Correio do Sul» li os seus artigos sobre nosso Algarve, que sempre tanto carinho lhe merece, e no que se refere a Sagres lá vi citada a hipótese que fiz sobre a rosa dos ventos construída com pedras sobre o terreno, e ensinei ao meu hospedeiro José Luis que lhe repetiu, sem dizer de quem aprendeu. A explicação que ele me apresentara, e a gente do lugar parece tinha adoptado, era a de ser a representação do Sol, por ter havido em tempos pré-históricos naqueles arredores um povo adorador do Sol.

Depois de rebuscas e uma conversa com o Dr. Leite de Vasconcelos, quis completamente de parte esta explicação. Um dia, restando numas das crónicas (não me recordo agora qual) aquela passagem em que o criado que D. João I manda a Ceuta, como espião, para informar sobre a fortaleza, desenhava sobre a areia, com pedrinhas, a traça dos muros de Ceuta, lembrei-me que o que viria em Sagres em da mesma natureza e passei dai para a hipótese que aquela gente, positiva e realista nas suas concepções e representações, teria assim realizado a maneira de representar a rosa dos ventos e a forma simples de ensinar a cartografia da agulha aos seus pilotos.

Numa conversa que depois tive com o Dr. António Barbosa, veio a este nosso amigo igual ideia, o que mais fortaleceu a minha suposição.

Tencionava trazê-la um dia a público com outras investigações que fiz in loco e me levaram ao convencimento de que a escola do Infante foi de facto em Sagres, como a tradição transmitiu, apesar das doidas recentes dos Srs. Joaquim Benade e Dr. Jaime Cortesão. Um dia com vagar direi o que me ocorreu nas minhas meditações de dois anos, em que fui director da Estação Radiotelegráfica Naval do Infante D. Henrique. O problema é muito interessante e muito desejava que se fossem encontrando documentos escritos que o esclarecessem. Já se tentou encontrado na minha ausência?

Aqui, os algarvios iniciaram uma subscrição para um monumento ao Infante, em Sagres, alguma coisa como eu sonhei quando era aspirante e por lá passava, a vela, na corveta de instrução: uma figura gigante de bronze apontando o caminho da India e relembrando os marinheiros de todas as nacionalidades que por ali passam (às centenas todos os dias) quem forá o iniciador das navegações oceanicas.

O tenente Rebeca, que para ai voltou já, foi um dos entusiastas; não sei onde vai esta ideia.»

A «Página do Algarve», aqui mensalmente aberta a todas as boas iniciativas que sirvam para glorificar e tornar conhecida a nossa linda e amada província do extremo sul, não podia deixar de colocar-se a disposição dos propugnadores de tão formosa quanto encorajadora ideia.

O benemérito e saudoso investigador, dr. Ataíde Oliveira, a quem os Algarvios tantos e tão preciosos documentos sobre a história da província devem, mas de quem todos se parecem haver depreresso esquecido, esse simpático e culto velhinho, que foi um dos grandes e bons amigos da «Alma Nova», já apresentara também, há cerca de vinte anos, na sua magistral biografia de D. Francisco Gomes de Avelar, opinião muito semelhante.

As nossos grandes escultores deixamos a indicação.

MATEUS MORENO

NOTAS DO MÊS

SAAVEDRA MACHADO

E' nos últimos dias de Janeiro próximo, em data que será previamente anunciada, que se realizará almoço de homenagem ao pintor Saavedra Machado, promovido por um grupo dos seus amigos, de que fazem parte literatos, médicos e artistas.

Trabalhador incansável, modesto e quase retraído, vivendo apenas para a sua arte e para o amor dum filhinho que adora, poucos, como o nosso director artístico, têm sabido pouco a pouco firmar o seu nome,

nos tempos que decorrem — sem cartas de empenho ou exibicionismos, que sempre detestou, bastando-lhe apena que a alguns dos seus melhores trabalhos, tenham, em sucessivas datas, prestado palavras de apreço e de justiça, homens como Columbano, Leite de Vasconcelos, Henrique de Vilhena, Prof. Sayce, Augusto de Castro, Aquilino Ribeiro, Malheiro Dias, e outros.

Nas manchas de pintura (de paisagem ou de natureza morta); nos desenhos, nos retratos e até nas mais despreocupadas ilustrações de carácter decorativo, que Saavedra Machado vai espalhando com prodigiosidades de nababo pelas capas de diversos livros e



(Auto-retrato de Saavedra Machado)

MADRINHAS E AFILHADAS DA «ILUSTRAÇÃO LATINA»

Despertou grande interesse a notícia que démos no número passado sobre a nossa futura organização, referentemente às nossas «Madrinhas». Recebemos aplausos e protestos, quanto ao modus faciendo. Algumas senhoras, que tecem simpatia e dedicação pela nossa revista, sentem que o facto de já serem casadas as tinha de serem nossas «Madrinhas»; algumas jovens, que nos são também muito dedicadas, acham demasiado austero para elas o referido encargo.

Acendendo a tão preciosas indicações, fica remodelado o nosso anterior plano, da seguinte forma, no que respeita à escolha das «Madrinhas» e nomeação de «Afilhadas»:

— em todas as cidades, vilas ou localidades importantes de Portugal; em todas as capitais de estado do Brasil e capitais de outros países, de que especialmente nos vamos ocupar, terá a *Ilustração Latina* uma «Madrinha», escolhida entre as senhoras de maior distinção local e maior dedicação à nossa revista, e tantas «Afilhadas» quantas distintas jovens colaborarem comnós, quer na parte literária ou artística, quer na parte social e de propaganda.



RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Princípios retrato de Saavedra Machado, para o seu livro a publicar, sobre o «Desenho e as Mulheres» na obra do grande caricaturista

revistas, há sempre uma nota de arte e de pessôalismo. Mas Saavedra Machado é hoje, principalmente, um dos melhores e mais estranhos reveladores da alma e da dor das coisas simples e humildes. Aqueles que mais de perto com ele convivem, esperam resolvê-lo a expir dentro de algum tempo, os seus tribulados dessa faixa.

Camarada leal, espírito desempenhado e livre, no qual até as concepções de arte mais avançada recebem sempre acolhimento franco, e também, quando quer, um organizador ponderado e competente, como o demonstrou dirigindo a bela exposição de arte promovida pelo «Alma Nova» em 1917, e ainda, recentemente, com a organização artística do «In-Memoriam» de Camilo.

Vai restabelecido ainda dum agravio grave, e bem merecido a homenagem que vai ser prestada a Saavedra Machado, cujo nome o Ministério da Instrução abrangeu há pouco em duas portadas de louvor, e que, desmedinhado na sua terra, conseguiu, expondo trabalhos antigos, obter de chofre a medalha de prata num certame de arte internacionais.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO IMPERADOR DO BRASIL

Para comemorarmos esta grande data do Brasil, tínhamos solicitado do ilustre poeta brasileiro Mário d'Artágão (dr. Antônio da Costa Correia Leite) um artigo ou uma poesia sobre D. Pedro d'Alcântara, hoje cognominado o primeiro dos brasileiros.

Tendo acedido gentilmente aquele nosso desejo, mas impedido, pela gripe, de mandar a sua colaboração com maior antecedência, só quando este número ia a entrar na máquina Mário d'Artágão não pôde enviar um magnífico trabalho em prosa, de que estamos na posse e reservamos, com o seu consentimento, para a *Ilustração Latina*, assim como o retrato do autor.

É uma página admirável, de soberbo recorte literário, comovedora e comovedora, para além de um alto poeta e um brilhante prosador, e que a *Ilustração Latina* publicará com grande honra e infinito prazer.

Por isso, neste número, apenas fazemos acompanhar a máscara do grande imperador diafragmas, palavras do nosso director Alcantara Carreira, rapidamente escritas à hora em que julgavamo-nos que Mário d'Artágão, pelo seu estado de saúde, nos não poderia atender.

A ENGENHARIA NAS COLÔNIAS

O

CONFERÊNCIA DO VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

OMELHOR título para esta conferência, começo por dizer o ilustre professor, seria «O papel dos Técnicos na Obra Colonial», porque em realidade, não é só aos engenheiros que as colônias oferecem um largo campo de actividade, mas aos técnicos em geral, qualquer que seja o ramo a que se dedicuem: florestal ou mineiro, agrícola ou pecuário, civil, mecânico ou eléctrico.

E, quando diz técnicos, não se refere apenas aos dirigentes superiores, porque todos, engenheiros, contramestres ou operários, são ali igualmente indispensáveis.

«Na luta colonial que caracteriza o momento presente, mais do que nas metrópoles, as élites são necessárias nas colônias. Só no dia em que as colônias viverem intensamente no coração e na mente de todos os portugueses, só nesse dia Portugal será verdadeiramente um país colonial.»

Com numerosos factos, mostra o papel preponderante que temido os técnicos e continuam a ter, cada vez mais, na formação dos grandes impérios coloniais, sendo exemplo: as explorações industriais, desde o fabrico do papel, em Maláia, até às minas de petróleo, em Burma; as fábricas de açúcar da Mauritânia e o aproveitamento do Jordão para electricidade e irrigações na Palestina; as barragens no Nilo e as culturas algodoeiras no Sudão; as fábricas de tecidos do Chipre e as explorações de tabaco no Niassa; as fábricas de óleo, na Nigéria, e as minas da Rhodesia; as plantações de cacau nas Honduras e da resina na Guiana; e, nas grandes colônias inglesas, os caminhos de ferro eléctricos e os canais do Canadá; a indústria da pasta de papel em Quebec e a exploração dos jacigos de carvão e de prata na Nova Brunswick; as explorações minerais da Nova Gales do Sul; as manufacturas da Austrália Meridional; as explorações florestais na Queenslandia e as minas de ouro da Austrália Ocidental; as minas de ouro e diamantes na África do Sul; as minas de carvão na Índia e as obras de irrigação, que já abrangem 48 milhões de hectares.

«O trabalho mais variado se oferece, assim, inexgotavelmente, por toda a parte aos técnicos de todos os ramos: — estradas a abrir, vias férreas a construir, florestas a abater, terrenos sem fim a irrigar ou a lavrar, riquezas sem conto a arrancar à terra.

«Mas, pondera, a medida que o desenvolvimento dum país se acentua, crescem as dificuldades de mão de obra.»

Para isso, crê necessário desenvolver o correspondente emprego da maquinaria, que não só chega a reduzir de 70 a 80 %, e mais, a mão d'obra, mas ainda multiplica muitas vezes a produção.

A «Union Minière» do Alto Catanga e a «Furnimière», nas instalações das minas de diamantes do Cassai, tem empregado os maiores esforços no intento de se dispensar, tanto quanto possível, a mão d'obra.

A «Compagnie Cotonnière Congolaise», que já tinha no ano passado 24 oficinas de descarcamento de algodão, vai instalar este ano 28, equipadas com o material mais moderno.

As «Halleies du Congo Belge», que pertencem em grande parte à firma inglesa «Lever Brothers», conseguiram, por meio de instalações aperfeiçoadas, mas que duplicaram a extração de óleo e reduzir a mão d'obra em mais de 77 %.

«Com a adopção de maquinaria em explorações agrícolas, os

resultados obtidos são também formidáveis. As companhias de transportes, quer fluviais, quer de caminhos de ferro, estão igualmente fazendo um grande esforço no sentido de remodelar todo o seu material, tendo em vista não só o aumento e comodidade de tráfego, mas também e muito especialmente, uma economia de mão d'obra.»

«Nos trabalhos de abertura de estradas, a adopção de maquinaria permite à «Société Africaine de Construction» uma economia de mão d'obra de 81 %.»

«Nas linhas da Régie val fazer-se o carregamento automático dos wagons, e a «Fourmrière» vai construir, ainda este ano, uma central hidro-electrica com o fim de electrificar as suas linhas de serviço.

«Os franceses e irlandeses tem feito, também, nas suas colônias, importantes melhoramentos, servindo-se de técnicos seus.

«Pelo que respeita às colônias portuguesas, são todas suscetíveis de um largo futuro, se as suas explorações presidir uma orientação científica.

«Indústrias de conservas de peixe, em Cabo Verde e em Angola, e para as quais se pode dizer que a África toda, constituiria um enorme mercado; indústria de ofilagipos na Guiné e em Angola; culturas de trigo no planalto de Benguela, e cultura e tratamento de algodão no de Malange; explorações florestais no Mayombe e de tabaco no Zaire e Malange; explorações de fibra, de açúcar, de lítio, em quasi toda a colônia de Angola.

«Moçambique é uma província riquíssima e se muito já está feito, muitíssimo há ainda por fazer. Com a fecundidade do solo e do sub-solo e os portos que possui, Moçambique está destinada a um largo e próspero futuro.

«Macau, pode ser a porta de todo o sul da China, e Timor só espera uma exploração intensiva das riquezas agrícolas, pecuárias e minerais, que possui.

«Em resumo, é enorme o trabalho a executar, em todas as nossas colônias, onde bem se pode dizer que a tarefa está apenas esboçada.

«Já se fez muita, é certo, mas é triste verificar que as empresas espanhadas pelas colônias portuguesas, não estão entregues, na sua maioria, a técnicos, e a razão está unicamente em que o nosso pessoal técnico não enveredou ainda para as colônias. E' pois, necessário fazer a sua educação colonial.

«Em parte alguma os técnicos portugueses terão mais proveitoso campo de trabalho, porque, em parte alguma, a natureza corresponde mais largamente ao esforço feito em a valorizar.

«Todos os dias se descobrem novas matérias primas de que é preciso procurar aperfeiçoar a utilização. Novos problemas surgem, novas aplicações práticas da ciência aparecem, a cujo estudo são chamados técnicos de todos os ramos.

«A obra que a humanidade tem ainda a realizar é gigantesca e só um meio existe, para a levar a cabo: o trabalho, um trabalho perseverante, inteligente e honesto.»

E termina o ilustre professor: «Se é verdade, na frase de Pasteur, que, de todos os povos, os maiores serão sempre aqueles que mais se distinguem pela inteligência e pelo pensamento, é também verdade que o primeiro lugar pertencerá aos que souberem, com um conhecimento mais perfeito dos segredos da ciência, realizá-los com mais felicidade as aplicações práticas.»

DEDICAREMOS uma página especial, no próximo número, ao patriótico movimento DE DEFESA E PROPAGANDA do nosso património ultramarino, iniciado pelas academias de Lisboa, Porto e Coimbra.

OS NOSSOS COLABORADORES

DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO



(Des. de Sávio Machado)

O consagrado autor dos *Epícarismos* e da *Torre de Babel*, acaba de publicar um novo volume, — «Sob a Cinza do Tédio» em que nos revela um dos «facies» mais brilhantes do seu espírito cultíssimo, Livro de emoções e de análise, profundo e moderno. Autobiografia crítica notável, pela viveza do descriptivo; romance de requintado sabor literário, pela verosimilhança das figuras criadas. Romance e biografia de uma alma sedenta de ideal, mas completamente identificada com as inquietações do seu tempo.

Uma pequenina nota, umas simples frases do capítulo final, dão uma perfeita ideia do carácter elevado deste livro. Eis-las: «Se o leitor amigo — e é verdadeiramente amigo o que neste tempo de Jazz-band, cinema e foot-ball transpõe tantas páginas suporferas, só à procura de algumas magnificências de alma superior — se o leitor amigo, e preguiçoso também, me incumbisse de extrair a moralidade desta biografia, eu limitava-me a aconselhá-lo a que não filosofasse. A vida devemos aceitá-la como é, sem a discutir, sem a tentar interpretar. Evitemos os delírios do pensamento e subordinemo-lo ao amor e à ação. Poderoso e fecundo enquanto intelectualiza e enriquece a vida afecciva e enquanto se nortela para utilidade, ele é o grande inimigo logo que nos inspira a cubica de transcender a condição e as misérias do barro frágil. E se és cristão, leitor amigo, lembra-te de que Deus tudo perdoará ao arrependido, que mesmo atuando-se em malidade se não desumanista nunca, menos o delírio de explicar o mundo. Querer dominar o universo pelo pensamento é querer de algum modo ser igual a Deus».

Fidelino de Figueiredo foi feliz, bastante feliz, e o que é mais, artista na exposição das suas teorias filosóficas. Todo o livro se lê assim com um crescente interesse e espiritual agrado. Felicitamo-lo. A edição é da Empresa Literária Fluminense, Ld., Rua dos Retrozeiros, 125 — Lisboa. — M.M.

DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

A «Alma Nova», agradecendo as palavras que o sr. dr. Leite de Vasconcelos nos dirige, no *Prelúdio* do seu novo livro — «A Barba em Portugal» —, do qual damos a seguir um excerto, sonda o sábio arqueólogo e douto mestre, não só pelo valor do seu curioso trabalho, mas também pela sua gentil atenção para connosco.



(Aquarela de Sávio Machado — 1916)

A BARBA EM PORTUGAL

A uma obra de Etnografia Portuguesa em que, a par de outras, labiou há muito, pertence um capítulo dedicado ao vestuário antigo e moderno, e *Ipsò Facto* à barba (liv. III, pt. 1º, série B, cap. 4). João Saavedra Machado e Mateus Moreno, directores da *Alma Nova*, pediram-me que preparasse para o prelo e capítulo, e o publicasse como artigo, e com desenhos, naquela revista. Acedendo de boa mente ao pedido, comecei, em Janeiro de corrente ano, a preparar o capítulo, isto é, o artigo, e porque era destinado a uma publicação periódica, entendi dever dar-lhe forma própria, e juntar-lhe algumas notas comparativas, para o tornar mais atraente. A pouco e pouco, porém, o assunto foi-se-me dilatando de mais, para que coubesse na *Alma Nova*, e resolvi, com adição de novos desenhos, publicar o artigo no *Boletim de Etnografia*, consagrando-lhe um número inteiro desta revista, e oferecendo à *Alma Nova*, em compensação, outro trabalho menor. Por fim vi que nem o *Boletim* comportaria o assunto, de tanto que cresceu, e decidi-me por consequente a tratá-lo em um livro, de cuja edição aprovou a Imprensa Nacional incumbir-se. Este é o livro que o leitor tem aqui de frente, o qual está dividido, ele mesmo, em capítulos:

I — A BARBA ANTHROPOLOGICAMENTE; II — FEITURA DA BARBA; III — FORMAS E CORTES DA BARBA; IV — A BARBA NO DECURSO DOS TEMPOS; V — SIMBOLISMO DA BARBA; VI — A BARBA NO LEXICO E NA LITERATURA; CONCLUSÃO.

J. Leite de Vasconcelos

DR. LUIS A. GUERREIRO JUNIOR



(Photo-Art)

Distinto médico, chefe de serviço de Anatomia e encarregado do curso de Anatomia Topográfica, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, o dr. Luis A. Guerreiro Junior, eleito deputado por Évora, na última candidatura, é não só um dos mais devotados amigos e colaboradores da *Alma Nova*, mas também uma figura de inegáveis merecimentos, tanto na ciência como na clínica portuguesa.

A dedicação e muito aceito com que tratou, na sua incômoda doença de quase três meses, o nosso camarada de direcção J. Saavedra Machado, tornaram-no fiador do nosso melhor reconhecimento e simpatia.

Eis — *curriculum vitae* — algumas das suas interessantes notas biográficas:

O dr. Luis Guerreiro Junior nasceu em Évora, a 31 de Agosto de 1891, e concluiu o curso de medicina em 1919, com distinção em quase todos os exames, tendo sido o aluno mais classificado em Terapêutica e Patologia Interna.

Fez alto grande em 1920, com a tese «Dois Trabalhos de Anatomia», obtendo também a alta classificação de 19 valores.

Na Faculdade de Medicina de Lisboa e no Instituto de Anatomia da mesma Faculdade, tem prestado relevantes serviços, havendo sido por esse motivo oficialmente louvado em 28 de Março de 1922.

É sócio efectivo da Sociedade de Ciências Naturais, e alguns dos estudos que tem publicado estão traduzidos em francês.

Os seus amigos pessoais e políticos, em homenagem às suas qualidades, resolveram oferecer-lhe um banquete, que terá lugar muito brevemente.

Aqui lhe reiteramos as nossas saudações por todos os seus justíssimos triunfos.

OS NOSSOS POETAS



DR. ANTONIO FERREIRA MONTEIRO
(Desenho de Martinho da Fonseca)

TRINTA anos inteiros, cheios de belas afirmações, e três livros formosos— «Notas de Narciso», «Misteriosa Graça» e «Mar das tormentas», — elis Ferreira Monteiro, um dos melhores valores da nova geração.

Livros concluídos e prontos a serem publicados: «Sob a Árvore da Vida», colectânea de poesias; «A Força da Mente», peça em prosa (entregue no Nacional), e uma série de poemas inspirados numa recente viagem do autor através de Madrid, Toledo, Granada, Seville, etc., de que faz parte o soneto que hoje damos.

NO ESCORIAL

Não há linda que diga suavidade,
Enlèvo, alada graça, ou formosura,
Nessa tua severa arquitetura
Que simbolisa a Regra, a Autorsidade!

Cárcere enorme, viva sepultura,
Entre céros de agreste hostilidade,
E's a imagem, em pedra, da Vontade
Que, em trágico delírio, se encrusura!

Alem dêsse teu nome, — Escorial,
Há ainda outra palavra — «Pesadumbré»,
Para a tua grandeza sepulcral.

Causas-me assombro e medo, se te escuto!
E a Espanha dos contrastes, num vislumbre,
Surge em ti, cadáverica e de luto!

(Tradutor)

Antônio Ferreira Monteiro

0 0 0 0

NOTAS SUBSIDIARIAS PARA UMA

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA
DA GRANDE GUERRA

Pelo capitão JOSÉ BRANDÃO

1^a PARTE.—OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS — TÍTULO II.—LIVROS (VERSO)

- 220 ESAGUY (José) — «Oração à Pátria» — folha dobrada em 10, Tip. de Augusto Rodrigues Bessa, Lisboa, Maio de 1918. Edição da Livraria Ferreira, Lisboa.
- 221 FERNANDES MARTINS (Alfredo) — «Na abalada» — folha 59 p., Tip. Neves, Coimbra, 1916. Edição da Livraria Neves, Coimbra, com um prefácio-dedicatória, em prosa, do autor: «Soldados portugueses». Dividido em 6 partes: Evacuação; As mais portuguesas; Hora suprema; Juramento; Na abalada e Hino à guerra.
- 222 FIGUEIREDO (Pereira de) — O Serrano — Poesia comemorando o trágico combate do 9 d'Abel e a entrada na Batalha dos Soldados Desconhecidos — folha 14 p. c. il. com uma vigneta, Tip. Francisco França Amado, Coimbra, 1921. Edição da Empresa Internacional Editora Lumen, Lisboa.
- 223 GOMES DO CÉU (António) — Soldado observador n.º 452 da 2.^a companhia do Batalhão de Infantaria 7 do C. E. P. — Recordações da Grande Guerra. Nova coleção de versos feitos nas trincheiras de Neuve-Chapelle — folha 4 p., Tip. Leitense, s. d. (Cinco lados: Não sei porque vim para a guerra; Na ansia da batalha; O valor dos artilheiros; Por me chamarem poeta; Fado do piolhão (parabita ao Fado do cigarro... que nunca chegou às trincheiras).
- 224 GUIMARÃES (Delfim) — «Aos soldados sem nome» — folha 12 p., Imprensa Lucas, Lisboa, 1921. Edição da Livraria Guimarães & C.º, Lisboa.
- 225 JESUS (Quirino de) — Lusa Epopéa — Tomo I — 298 p., Tip. da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», Lisboa, 1921.
- 226 LEITÃO (Acácio) — «No dia da chegada das cinzas dos Soldados
- Desconhecidos ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória — folha 4 p. s. n. c. il., Tip. Central, Leiria, 1921.
- 227 MADURO DIAS — Redondilhas aos Soldados Desconhecidos — folha 12 p. s. n., Tip. da Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1921. Edição da mesma livraria.
- 228 MARQUES AZEVEDO (António) — «Avante — Sonetos patrióticos» — folha 10 p., Imprensa Moderna, Porto, 1915. Edição da Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Porto, (9 sonetos).
- 229 MATOS (Artur de) — Alfrescos de Infantaria — De longe Quadras feitas nos campos da batalha — folha 56 p., Biblioteca do Povo (Henrique Torres), Lisboa, s. d. (48 quadras).
- 230 «LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA. Inauguração oficial da Agência em Vila Real. Série de poemas oferecidas à mesma Agência, 9 de Abril de 1925.» — folha 8 p., Imprensa Artística, Vila Real, 1925. (Contém: 3 composições poéticas de Carlos de Barros, Mário Sabóia e Afonso de Castro. Inclui, em folha solta, o «Hino dos Combatentes da Grande Guerra», versos de Carlos de Barros).
- 231 NUNES DA MATA (Filipe) — (Vice-Almirante) — «As armas, cidadãos, correi as armas!» — Panfleto 7 p., Tipografia e Imprensa da Livraria Ferri, Lisboa, 1916. Tem 2.^a edição, ainda em 1916, e 3.^a em 1918, esta última da Tipografia Caldense, Caldas da Rainha.
- 232 IDEM — «Pátria, Humanidade e Liberdade» — folha 7 p., Tipografia e Imprensa da Livraria Ferri, Lisboa, 1916. Tem 2.^a edição em 1918, na capa-frontispício, como epígrafe, os 3 últimos versos da primeira estrofe.

VIDA ARTÍSTICA

EXPOSIÇÕES

COM o aparecimento do inverno vão surgindo entre nós as exposições de arte. Abel Manta, que regressou há pouco de Paris, veio entregar na reduzida hoste dos nossos modernistas de valor. As suas paisagens, que expôs no Salão Bobone, têm cores sóbrias, e acusam o valor dos planos sem convencionalismos de escola. Em alguns quadros que representam figuras, — embora a construção destas tenha, por vezes, sensíveis faltas de anatomia e de bom desenho, — transparece um nobre abandono e um grande e delicado sentimento. Isso se vê, e bem, no quadro que teve honras de ser adquirido para um Museu e onde uma expressiva e adorável cabeça de mulher sobressai da tela. «La Servante» e o auto-retrato do pintor são fortes, e, como sínteses de colorido, simplesmente admiráveis.

A seguir expôs no mesmo salão Augusto do Nascimento, que se revela um paisagista de verdadeiro mérito nos processos honestos da sua técnica e nos assuntos bem portugueses das suas telas, sobre as quais uma espécie manejada por mão previdente e sabia coloca por vezes as tintas com galhardias de mestre. Bastariam os quadros que têm por títulos «Ao cair da tarde» e «Terras detrás da cerca» e que são de séria responsabilidade, para conferirem a Nascimento um justíssimo título de pintor, mas ele ganhou-o também nas pequenas telas «Ceu pesado», «Pinheiros solitários», «Tarde suja», «Manhã humida», e tantas outras de que se compunha a sua formosa exposição.

No Salão Bobone expôs também Falcão Trigoso. Discípulo consagrado de Carlos Reis, prefere às rebeldias artísticas modernas, ou ainda à mancha larga, de sintese — um exame pormenorizado — não mesquinho — da natureza, que ele nem sempre pode interpretar com acerto, mas na observação da qual se esforça por ser sincero — e isto é uma qualidade nobre num artista. Pode discordar-se do modo de pintar de Trigoso da sua cor, talvez demasiadamente luminosa, em que o *blanc d'argent* tem



ADRIANO COSTA

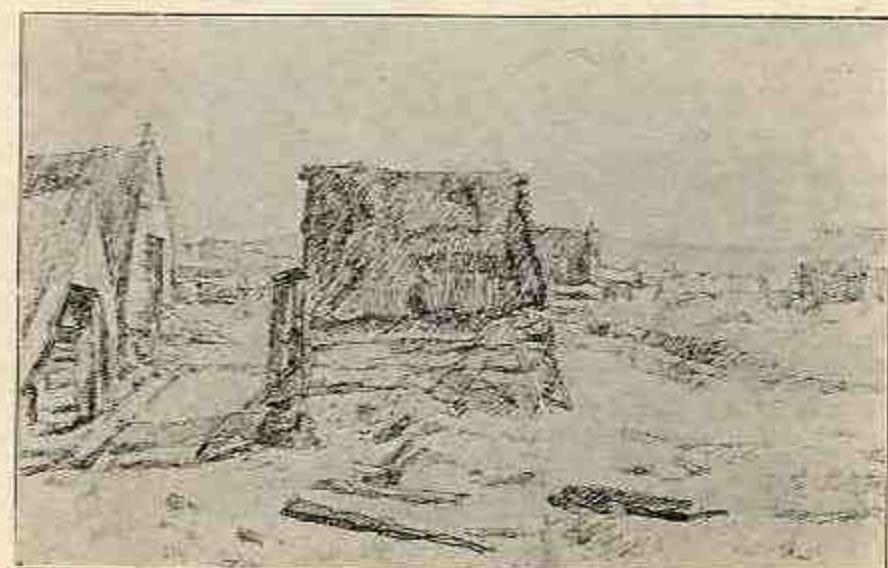
um grande predominio; do seu modo de compôr, nem sempre agradável e feliz, do qual o quadro grande, onde se viam cadeiras de verga colocadas sobre um terraço, dava exemplo flagrante. Mas o que é certo, também, é que o Algarve deve a Falcão Trigoso e a Samora Barros — outro ilustre artista de diferente individualidade — algumas interessantes páginas pictóricas. O quadro que reproduzimos um *croquis* desenhado por Trigoso, era um dos melhores da sua exposição, mas inferior, a nosso ver, à pequena mancha em que o artista tratou o mesmo assunto.

Adriano Costa expôs os seus trabalhos na Sociedade Nacional das Belas Artes. Tem progredido este pintor. Sem esplendorosos de tintas e sem grandes desequilíbrios no arranjo dos casarios, que observa com emoção, vai pauso a pauso, mas com pinceladas firmes, marcando uma individualidade. Castelo de Vide deu-lhe este ano curiosos modelos e luminosidades impressionantes. Do éxito moral da sua exposição falou sobejamente o noticiário artístico. O sucesso material pode verificar-se pelo grande número dos quadros vendidos.

A exposição de Alfredo Keil também realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes, veio mostrar e lembrar a um público vulgarmente ingrato, esquecido das coisas d'arte, que possuimos um pintor, um grande pintor, — infelizmente morto! — e que o real merecimento das obras de arte, nem sempre reside nos quadros de grande tamanho e desmedida composição. Em telas de pequenas dimensões deixou Keil algumas obras primas. Não especializamos trabalhos porque, todos os que têm a assinatura deste artista, mesmo aqueles que ele deixa apenas esboçados, acusam a garra dum mestre profundamente conhecedor do seu «métier». O acerto na colocação das tintas; a frescura destas, que as faz viver em perpetua mocidade; o desenho correcto, e também a emoção a alma, a vida, que ressaltam dos quadros de Alfredo Keil, — quer representem paisagens, marinhas, cenas de interior ou estudos de figuras, mostram e vêm lembrar, repetimos, — um pintor, um grande pintor!

S A A V E D R A

M A C H A D O



FALCÃO TRIGOSO. — «Croquis» do quadro «Casas do Mar» (Algarve)

VIDA DESPORTIVA

AS CORRIDAS DE CAVALOS NO CAMPO GRANDE

NA passada Primavera, o Jockey Club inaugurou o seu campo de corridas, mesmo antes de estarem completas todas as instalações.

A pressa que esta sociedade teve de dar as suas primeiras corridas, sem que o campo estivesse pronto, bem se justifica pela necessidade de manter sempre bem altas as qualidades do gado cavalar.

Incontestável como é a benéfica ação das corridas de cavalos no aperfeiçoamento da população hípica, não é menos certo que o seu êxito muito depende do público.

Com uma assistência reduzida, as sociedades de corridas dificilmente poderão ter longa vida, e jamais conseguiram esquadrar o gosto pelo cavalo de casta, por esse belo e nobre animal que, no dizer do maior Zootecnista da Península, que foi Bernardo Lima, «simboliza no vento a velocidade, no sôpro divino a inteligência».

Para que as corridas dêem o resultado que delas deve esperar-se, indispensável é, pois, atrair a este género de divertimento o maior número de pessoas de todas as categorias sociais.

As corridas de cavalos, embora organizadas e dirigidas por nobres e ricos senhores, nunca trarão um palpável benefício se não forem democratizadas.

Se a produção do aquilatado consel exige bem recheada bolsa, exige também que o mercado saiba distinguir o melhor do pior, para dar a justa compensação a quem for devida.

Por isso mesmo, sendo as corridas o melhor meio de fazer a

propaganda do bom cavalo, e poderoso incentivo à aprimorada produção, o local do hipódromo é sempre um factor importante a considerar.

O campo de corridas do Jockey Club, situado no Campo Grande, quase no centro de Lisboa, por ser bem servido de facetas comunicacionais, não deixará de ter grande e variada frequência. Peça sua situação, é de esperar que este hipódromo tenha longa existência e vida desafogada, e preste a maior utilidade à equicultura portuguesa.

Na ordem cronológica, este é, se não estiver em erro, o terceiro hipódromo português, mas a sua situação deve fazer com que ele venha a ser o mais importante hipódromo do país.

De resto, a afluência às corridas, quer na Primavera, quer no Outono, apesar do tempo pouco agradável, faz acalentar a esperança de ser bem sucedido o estúdio da sociedade Jockey-Club.

Muito maior, porém, deveria ser a assistência às corridas se o custo da entrada fosse mais baixo.

E já que visto o propósito mostrar a conveniência de diminuir o custo da entrada, apostarei também a vantagem, que é uma necessidade, de modificar a constituição do terreno da pista, tornando-o mais macio em tempo seco e menos escorregadio em tempo chuvoso.

A. MONTEIRO DA COSTA
Médico-veterinário

O O O O

O O O O



UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA

Lisboa — Dezembro de 1925.

Com muito prazer abrimos as colunas desta página, à colaboração do distinto médico-veterinário, Dr. Monteiro da Costa, publicando o artigo que antecede estas palavras. E para que esse artigo encontrasse espaço, nesta página, resumimos, desta vez as nossas notas sobre sport, a notícia da classificação dos Cinhas, no final de primeira volta do Campeonato de Foot-Ball de Lisboa.

BENFICA - CASA PIA
No Campo do Restelo, numa defesa de Roquete

Belenenses	19	pontos
Sporting	18	*
Benfica	16	*
Victoria	15	*
Carcavelinhos	14	*
União	12	*
Casa Pia	11	*
Império	7	*

D. DE S

FRAGOZO FERNANDES

ADVOCADO

Questões civis, comerciais e criminais

R. DA VITÓRIA, 53, 3.^a E.
TELEFONE CENTRAL 937
LISBOA

Litografia MATA

A melhor Oficina do Paiz

TRABALHOS LITOGRÁFICOS
EM TODOS OS GENEROS
OS MAIS BARATOS POR SESEM
OS MAIS PERFEITOS

Fábrica de Cartas de Jogar

GERMANO & C.^ª

Cartas para todos os jogos, em cartão de iluminado transparente, «couche» e algodão.
Jogos da Glória, Asalto, Domínio, Loto, etc.
Vestes avulsa de roupas para festas, roupas, aguardentes, etc.

ESCRITÓRIO CENTRAL
R. da Madalena, 60 a 70
Telefone 363 C. LISBOA
OFICINAS — Rua do Barro, 2 a 4, 4.º S.
Telefone 6177 C. (Edifício próprio)
LISBOA

RESSURGIMENTO EDITORIA

Calçada de João do Rio, 8, 1.^a
LISBOA

Sangue d'España. A Artilharia Portuguesa na Flandres, por Almeida Moreira, tenente de Artilharia. I vol. II. 4\$00

Na guerra e na paz. SIN-
FORIA MACABRA. M. G. est. 3\$00

Minha Pátria. Poema em 51
cánticos. 3 Jornadas, id. id. 2.^a edição,
broch. 3\$00. cada livro. 1\$00.

Cantigas. (2.^a edição), por Re-
go de Bettencourt, com prefácio
de Luiz Chaves. I vol. broch. 2\$00

Odoz de Anacreonte. por
Luís Calisto Nunes. 2\$00

Companhas Camilianas,
por Gideônio César e Cruz Ma-
rtins. I vol. broch. com il. de
Máuel Bento. 5\$00

Alma Nova. vol. I, II e III da
3.^a série, cada enc. 20\$00. broch.

O Inverosimil. Confissões
Proibida, original do insigne esca-
tor e moralista Lord Perchéne
de Nubrake. 2\$00

A Educação Moral. Peças
exercícios de redação, com a me-
tacologia deste ensinado, por José
Gomes da Costa. 1\$00

Eça de Queiroz. Revelado
por uma ilustre secréto de sua li-
mítice. ID. C. de Eça de Melo. 2\$00

Contos para crianças. por
D. Branca, Lourenço Martins, com
ilustrações de Roberta Nobre (Ed.
Morenos — Porto). 1\$00

A Entrevista. por Cruz Maga-
dães. 1 op. liv. 1\$00

Como se aprende a redigir. —
Por José Gómez da Costa.

A Nova Guerra e a Artilharia. —
Márcio Moreira. Ed. — Renascença.

VARIA

ROYAL-PHOTO



ALFREDO GOMES RAPOSO

DEMO no número passado o retrato de Santos d'Almeida, nosso director fotográfico de trabalhos de «ateliers». Damos hoje o retrato do seu sócio no «Royal-Photo», R. do Carmo, 55, 3.^a, sr. Alfredo Gomes Raposo, considerado comerciante e industrial, sócio também da grande pastelaria «Curreit».

Como foi recebido, no Brasil, o nosso Representante junto do Orfeão

GOMES dos Santos, nosso secretário de redacção, que foi representante a «Alma Nova» junto do orfeão académico de Lisboa, na viagem do mesmo ao Brasil, conquistou ali as maiores simpatias.

Muitos jornais se lhe referiram, e à «Alma Nova», em termos a que não podemos deixar de significar-lhes os mais sinceros agradecimentos.

Gomes dos Santos apresentou as suas despedidas pessoais e as da «Alma Nova» ao grande matutino do Rio, «Correio da Manhã», por intermédio do distinto arquitecto, estabelecido naquela cidade, sr. J. J. da Cunha, havendo aquele jornal noticiado essa despedida com as seguintes palavras:

«O professor Gomes dos Santos, digamo-lo por nossa vez, deixou no Brasil um sem número de amigos, justamente pelo seu sentimento afectivo, cheio de ardor e de sinceridade, tornando-se por isso mesmo um fidedigno representante dessa moçidade cheia de vida e de inteligência que há de ainda constituir o querido Portugal de amanhã.

Registrando as suas despedidas do «Correio da Manhã», nós o faremos muito apiedidamente, desejando para a «Alma Nova» os mesmos progressos que para nós almeja o seu ilustre redactor Gomes dos Santos. *

Mortos Ilustres

As letras portuguesas e brasileiras acabam de perder, num curíssimo espaço de tempo, alguns dos seus filhos mais ilustres. Em Portugal, ficam, além do historiador Gama Barros: Artur Lamas, prestíssimo investigador; Cândido de Figueiredo, devotado filólogo; Moreira de Almeida, grande jornalista e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, romancista distinssima e uma das nossas maiores figuras femininas. No Brasil, o ilustre publicista brasileiro e grande amigo de Portinari Elyso de Carvalho.

Antônio Dias Branco

A máscara do último Imperador do Brasil, que damos na nossa página de honra, é da autoria deste distinto artista, que gentilmente nos-la ofereceu.

DIREITO PORTUGUÊS E BRASILEIRO

M. Gomes dos Santos
ADVOCADO

Com Procuradoria
no Brasil

R. DA VITORIA, 53, 3.^a
TELEFONE CENTRAL 3156
LISBOA

OS GLOBULOS HOMOEOPATICOS

DO
Dr. HUMPHREY

Os remedios caseiros ou de família
não tem rival, são de facil aplicação,
não causam dano e todo o mundo conhece a sua eficacia
excepcional.

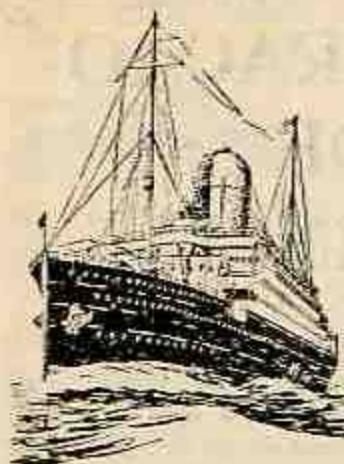
- 1. **Ouro** — compostas, inflamações, inchaços causados por infeccões, coíra, mordeduras crianças, dentição.
- 2. **diarréa** em crianças e adultos, diarreia, constipação, cólica, colite-morbilis, Vomitos, tosse, resfriados, bronquite.
- 3. **dor de dentes**, alvéolos necróticos, dor de molar, dentes, vestígios.
- 4. **dispepsia**, indigestão.
- 5. **mastite** escassa ou dolorosa, leucorréia ou menstruação profusa, cramps, tosse secca, faringite.
- 6. **herpes**, erupções, erisipela.
- 7. **remedios em doses terapêuticas**, febre paludosa, scrofula.
- 8. **hemorróides**.
- 9. **catarral**, infecções, defluxo.
- 10. **coqueirinho** ou tosse convulsiva.
- 11. **asma**, respirar difícil, apnéia.
- 12. **supuração** dos ouvidos, dor de ouvidos.
- 13. **escabiosas**, inchaços e alergias.
- 14. **debilidade** geral, frágilidade física.
- 15. **bedropeis**, acumulações fluidas.
- 16. **enjôos** da maternidade, vómitos.
- 17. **micetíase** dos rins, calântidos remissivos.
- 18. **debilidade** mental, tristeza vital, dormir em白天, alvez.
- 19. **microcystias** urinárias, perigo.
- 20. **menstruações dolorosas, profusas**.
- 21. **uterinas** ou corporais, paroxysmos.
- 22. **epilepsia**, baile de S. Vito.
- 23. **mais** de garganta, ulceracão da garganta.
- 24. **constipações** crónicas, dia de cebos.
- 25. **gripe** e constipações, durante a verão.

Venda em todas as Farmácias

DEPOSITARIO EM PORTUGAL:

Ribeiro da Costa & C.
150, Rua do Arsenal, 152
LISBOA

Que distribuem ou enviam gratis a quem os requisitar os folhetos in-
dicativos para uso destes remedios.



Mala Real Inglesa

Paquetes a sair de Lisboa

O

Para Rio, Santos e B. Ayres:
DESNA, em 17 de Dezembro
DEMERARA, em 14 de Janeiro
DARRO, em 27 de Janeiro

Para Madeira, Bahia, Rio, Santos,
Montevideu e B. Ayres:
ARLANZA, em 18 de Janeiro

Para os mesmos portos e Pernambuco:
AVON, em 29 de Janeiro

PUBLICAÇÕES
BRASILEIRAS
À VENDA
NESTA
ADMINISTRAÇÃO

Vida Doméstica

Importante, luxuosa
ilustração mensal,
do **Lar** e da **Mulher**

DIRECTOR:

Jesus Gonçalves Fidalgo

GERENTE:

Frederico Jarque

REDATOR-SECRETARIO:

Renato Travassos

RIO DE JANEIRO

LIVROS E PUBLICAÇÕES

— A APARECER —

Livraria Portugália — *Tres Túmulos* (Crítica de Arte), por Virgílio Corrêa; *A tumulação definitiva de Camilo*, por Custodio José Vieira; *Um volume sobre Espiritismo*, por Mme Lecombe e *Um romance*, por Antônio Eça de Queiroz.

Casa Ventura Abrantes — A arrojada editora do grande *In-Memoriam de Camilo*, comemorativo do Centenário do Mestre, tem para breve a 2.ª edição do livro do tenente Jorge Botelho de Moniz: *O 18 de Abril*; o 11.º milhar do *Veneno?*, de João Coelho; *Escrivuração sem mestre*, de Ricardo de Sá, e um novo volume da *Coleção de Aventuras e Viagens: Os frances Atiradores*.

Empresa Literária Fluminense, Lda. — Acaba de publicar: *Sob a cinza do Tédio*, de Fedelino de Figueiredo, e *Páginas Escolhidas*, de Latino, volume este comemorativo do centenário do glorioso escritor, em 29 último, e publicará:

Da Estrela Polar no Cinzeiro do Sal, por Albino Forjaz de Sampaio;

Mariáviva em África, por D. Fernando Ferro; e as reedições:

História Cór de Resa, de Ramalho Ortigão, e

As Farpas, do mesmo e Eça de Queiroz

ALIANÇA COMERCIAL VIDREIRA, LIMITADA

TELEFONE NORTE 4215

SEDE, ESCUTÓRIO E ARMAZÉM DE VENDAS

29-1.º, Calçada do Garcia, 31 e 31-A (ao Basso)

LISBOA

Louças, vidros e esmaltes

O

Artigos de zinco e ferro esmaltado: — Almofadas, toldos, lamas, gessoletas, etc.

Ferragens: — Canas, lucarnas, talheres, etc. Artigos de iluminação: — Candeeiros, bocais, torcetas, e mais pertences.

Garras: — empalhados de 1 a 30 litros de capacidade.

Metais: — brancos, niquelados, latões, tais como: candeeiros, palmárias, bimblejas, lampadas para árcos, etc.

Artigos de fantasia: — apropriados para brindes, candeeiros, em separado e em serviço, jarras, garrafas, copos, estojos e outros objetos.

PREÇOS: Sempre os melhores do mercado

Importações directas

Exportações para todo o continente e Ilhas

A OS
PREÇOS
DO
NOSSO
MERCADO

Frou-Frou

Elegante e original
magazine de luxo

DIRECTOR:

Manuel Santos

PROPRIETÁRIOS:

Santos & C.ª

RIO

DE

JANEIRO

DA GRANDE EMPREZA SOCIEDADE ANONYMA

* O MALHO *

GERENTE: **Léo Osorio**

Ilustração Brasileira

Magnifica ilustração mensal; quatro tricomas em cada número, soberba colaboração

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Moreyra e J. Carlos LEITURA PARA TODOS

Linda revista mensal ilustrada

REDACTOR-CHEFE: **Carlos Manhães**

PARA TODOS

Bela revista semanal ilustrada

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Moreyra e Mario Behring O MALHO

Interessantíssima revista semanal, a mais popular e antiga do Brasil

REDACTOR-CHEFE: **José Lopes dos Reis**

TICO-TICO

A querida revista das crianças brasileiras

REDACTOR-CHEFE: **Carlos Manhães**

RIO DE JANEIRO

Folha da Manhã e Folha da Noite

SCINTILANTES JORNALIS DIARIOS DA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO

Director: **OLIVAL COSTA**

TERRA E MAR

QUIZENAL, EXPLENDIDA REVISTA DE DESPORTOS, DA MESMA CAPITAL

Directores: **Taciano de Oliveira, Carlos de Campos Soebrinho e Byington Junior**

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO ::: E CONTABILIDADE ::: POR CORRESPONDÊNCIA

NO ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 237 matrículas. No ano seguinte o número de alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devendo esta a maioria das matrículas que se vão registando diariamente à propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vez maior, lastimando muitos o tempo que levaram a tomar a resolução de requisitar matrícula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interesse, depreciam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matrícula nos cursos de Escrituração e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional—Largo Trindade Coelho, 6—LISBOA

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua sede.

**SEGURAI AS VOSSAS VIDAS, OS VOSSOS HAVERES E OS VOSSOS EMPREGADOS
na "ALIANÇA SEGURADORA"
RUA DA ASSUNÇÃO, 42 — LISBOA**

**FÁBRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA
TOJAL**

Guilherme Graham Junior & C.^a

Especialidade em papeis de escrita, impressão de diversas qualidades, imitação de couché, cartazes, embrulhos finos e grossos, qualidade extra. Em existência e por encomenda.

FORNECEM-SE AMOSTRAS

DEPOSITOS

**152, Rua da Alfandega, 156
LISBOA**

TELEFONES

C. 4180 — 4181 — 4182

Lloyd Brazileiro



Linha do Sul do Brasil

Para PERNAMBUCO, BAHIA, RIO
DE JANEIRO e SANTOS.**BAGÉ**

esperado em 28 do corrente

Linha do Norte da Europa

Para HAVRE, ANVERS, ROTTER-
DAM e HAMBURGO.

O paquete

POCONÉ

esperado em 21 do corrente

Linha de Inglaterra

Para LEIXÕES, HAVRE, LIVER-
POOL e SWANSEA.

O vapor

IGUASSÚ

esperado em 22 do corrente.

Para passageiros e carga, tratar
com

Pinto & Santo Mayor, Limitada

Rua do Alecrim, 20

Telefones 652 e 1616 Central

FOTOGRAVURA NACIONAL LDA



Rua da Rosa, 273

LISBOA

TEL-NORTE-3538

ROYAL - PHOTO

ATELIER D'ARTE FOTOGRÁFICA

SANTOS & RAPOZO, Lda

RUA DO CARMO, 55, 1.^o (AO CIELO)

LISBOA - PORTUGAL

o o GRAND PRIX o o

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO

o RIO DE JANEIRO o

1 2 3 4

MALA REAL HOLANDESA

Vapores a sair.

Para America do Sul, LAS
PALMAS, Pernambuco,
Bahia, Rio de Janeiro,
Santos, Montevideu e
Buenos-Aires.

A 10 de Janeiro

FLANDRIA**REGRESSO**Para Vigo, Cherbourg,
Southampton e Amster-
dam.

A 29 de Dezembro

GELRIA

Agente geral em Portugal

OBRY, ANTUNES & C., LIMITADA

P. do Duque da Terceira, 4

LISBOA

GOUVEIA & SANTOS

EXPORTADORES DE

Sardinhas em Conserva

Rua d'Assumpção, 42, 2.^o

Tele. N. 5396

LISBOA-PORTUGAL

MARCAS MUNDIAIS

“Friandise” e “La Conquête”

ALMA NOVA

NOVIDADE LITERARIA

CARTAS DE AMOR
DA
SÓRORMARIANA
AO CAVALHEIRO DE CHAMILY
TRADUÇÃO DE LVCIANO CORDEIRO
ILUSTRACÕES DE ALBERTO SOUZA



LISBOA.
LIVRARIA J. RODRIGUES & C.^A
186, RVA AVREA, 188.

EDIÇÃO ARTÍSTICA E ILUSTRADA COM 4 TRICROMIAS—
NÍTIDA IMPRESSÃO E MAGNÍFICO PAPEL
BROCHADO 20\$00